

REVISTA

www.revistaraca.com.br

RAÇA

1 ANO SEM

Maricelle

★ 27 - 07 - 1979

† 14 - 03 - 2018



Os 40 anos do Olodun e os 46 anos do Ilê
Páginas Pretas:
Racismo na internet por Niousha Roshani

A estreia de:
Édio Silva Jr., Katleen Conceição
e Flávio Andrade como colunistas

TRANSPORTE AÉREO E RODOVIÁRIO DE CARGAS PARA TODO O BRASIL!



Somos uma transportadora especializada em carga fracionada.

Utilizamos um modelo operacional desenvolvido para atender o modal aéreo, dinamizando as nossas entregas, que são feitas de maneira rápida e eficiente.

Possuímos certificação ANVISA para transportes de medicamentos e produtos correlatos.

Faça uma cotação conosco!



11 2085-4400

www.viabrasiltransaereo.com.br

CERTIFICADOS



CERTIFICAÇÃO
COMPROVADA

Sindicato Nacional das Empresas Aviação
SNEA



Mauricio Pestana

Jornalista, publicitário, cartunista, escritor e roteirista
 pestana@revistaraca.com.br

MUDAR É PRECISO

Quando a RAÇA surgiu há pouco mais de duas décadas, nem os mais otimistas da época poderiam imaginar que, em tão pouco tempo, os destinos de negros e negras no Brasil e no exterior mudariam de forma tão radical ao ponto de um negro comandar a maior potência econômica do mundo e ao mesmo tempo outro presidir a maior corte de justiça brasileira. Tudo isso registrado aqui, nesses 22 anos de Revista RAÇA.

Poderíamos falar, com orgulho, o quanto a RAÇA contribuiu, colaborou e influenciou em mudanças substanciais aqui no Brasil. Foi por meio da revista RAÇA que emissoras de tevê, agências de publicidade, teatro, cinema, revistas e outros meios, enfim, puderam perceber que a estética e a beleza não eram atributos apenas da branquitude brasileira.

Se por um lado pudemos vivenciar avanços significativos em nossa representatividade midiática, nas áreas política e social nunca estivemos tão à deriva como no atual momento. Dos 27 governadores eleitos na última magistratura, nenhum é de pele negra! Não temos um ministro no governo federal negro, também não temos um negro no Supremo Tribunal Federal, história que se repete em outros espaços de poder e decisão como no mundo corporativo onde não ocupamos nem 5% dos cargos de decisão.

Na área social, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil, colocando-nos como um dos países mais violentos do mundo. Violência essa que tem um alvo preferencial: a população preta, pobre e periférica. De olho neste Brasil do século 21 a RAÇA, como fez há 22 anos, coloca-se como porta-voz e, desta feita, não só para questionar nosso espaço na mídia, mas também espaços

nas áreas política, corporativa e social, e já com esta postura pergunta: cadê os culpados pelas mortes de Marielle Franco, Cláudia Silvia Ferreira, a policial Juliane dos Santos Duarte e Amarildo Dias de Souza?

Temos consciência de que os graves problemas que afetam a população negra no Brasil não são apenas dos negros e sim de todo um país que clama por justiça. E nesta linha tomamos uma atitude inédita em nossos 22 anos de história: criamos um Conselho Editorial formado por estudiosos, acadêmicos, empresários, CEOs, jornalistas de todas as raças, etnias e grupos sociais, para que juntos possamos pensar e sermos porta-vozes deste novo e grave momento pelo qual passam todos os brasileiros, onde o mais afetado, novamente é a população negra.

Nesta nova fase e também de olho no leitor do futuro e no afã de nos conectarmos cada vez mais de forma global, a RAÇA também a partir deste número passa a chegar em um maior número de lares no mundo disponibilizando assinaturas de forma digital, encerrando um processo que iniciamos há quase dois anos nas áreas digitais e de conteúdo. Criamos o site www.revistaraca.com.br, o RAÇA na TV, estamos no Facebook, Instagram e YouTube. Agora, com todo o conteúdo impresso disponibilizado de forma digital.

Quando iniciamos esse processo, nosso norte era que os nossos canais tivessem o mesmo destino de sucesso da revista RAÇA, impresso respeitado pelo pioneirismo e a maior revista negra do Hemisfério Sul. Hoje sabemos que estamos construindo o maior canal de comunicação negra deste pedaço do mundo, o que é muito natural, uma vez que com mais de 100 milhões de pessoas se autodeclarando negras somos a segunda maior população negra do mundo, então é só transformar esses números em poder!



FOTO: DIVULGAÇÃO

NIOUSHA ROSHAN

O combate ao racismo nas redes sociais

por MAURÍCIO PESTANA

NASCIDA NO IRÁ, MAS COM A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA DECORRIDAS NA COSTA DO MARFIM, NIOUSHA ROSHAN É REFERÊNCIA GLOBAL NAS QUESTÕES DE RAÇA E GÊNERO. FORMADA EM HARVARD, UMA DAS MAIORES UNIVERSIDADES DO MUNDO, SEUS ESTUDOS TEM COMO FOCO DISCURSOS RACISTAS NAS REDES SOCIAIS, PRINCIPALMENTE NA COLÔMBIA, ONDE VIVEU POR MAIS DEZ ANOS. POLIGLOTA, A IRANIANA DOMINA CINCO IDIOMAS E CONHECE BEM O BRASIL. E SOB ESSA PERCEPTIVA, TEM MUITO A DIZER SOBRE PROBLEMAS EM COMUM QUE AFETAM A AMÉRICA LATINA.

Seus estudos tiveram início na questão do racismo em redes sociais, mas sua análise hoje vai mais longe fala da violência contra a juventude negra na Colômbia e no Brasil. O que esses países têm em comum, nesta questão?

Meus estudos tiveram início na juventude em contextos de violência, levando-me primeiro para a Colômbia e depois para o Brasil. Infelizmente, a maioria dos jovens no meu estudo era de ascendência africana, pois são nos dois países os mais afetados pela violência desenfreada. Ao mesmo tempo, era impossível estudar a violência sem levar em conta o racismo historicamente entrincheirado nos tipos de violência multidimensionais e interconectados nos dois contextos. Brasil e a Colômbia possuem as duas maiores comunidades de afrodescendentes da América Latina e compartilham muitas semelhanças tanto nas dinâmicas e culturais, quanto nas desigualdades estruturais e raciais. O mesmo acontece com outras comunidades no resto da região e um dos meus sonhos é ajudar a construir pontes entre os diferentes países para que os jovens possam se conectar, se inspirar, co-criar e transformar a si mesmos e suas comunidades. Um dos projetos atuais em que estou trabalhando é o Fórum Global da Juventude Negra, com a colaboração de várias universidades do mundo, do setor privado e até mesmo de políticos que apoiam iniciativas antirracistas, como o membro de congresso afro-britânico David Lammy. O evento destacará, por um lado, as iniciativas de jovens africanos e afrodescendentes em lidar com as limitações estruturais e o racismo sistemático nas suas comunidades e, por outro, unir esforços com os de outros jovens africanos e afrodescendentes para compartilhar seus conhecimentos e competências em empreendedorismo e inovação como motores de mudança.

A violência expressada nas redes sociais pode ser a porta de entrada de outras violências raciais no cotidiano?

Como uma das líderes jovens com quem trabalhei disse uma vez: 'O digital é o real'. O racismo visto nas plataformas digitais é apenas uma reflexão do racismo histórico sobre qual todos os países da América Latina foram construídos. No entanto, na era digital em que vivemos agora, a informação viaja muito mais rápido do que antes, especialmente discursos difamatórios e a desinformação ou o que é muitas vezes referido como 'fake news' como temos visto especialmente em tempos de crise ou antes de grandes eleições políticas. Os danos do racismo digital não estão apenas ligados ao ciberespaço. Foi comprovado que o discurso de ódio nas redes não só se traduz diretamente em crimes de ódio, mas também aumenta o número de casos, a exclusão e a discriminação. No Brasil, como em outras partes do mundo, temos testemunhado como os discursos de ódio e a desinformação nas redes sociais intensificaram o racismo, a violência, e até mesmo o feminicídio.

Você é iraniana, sinônimo para xenofóbicos de terrorista. Já vivenciou muitas discriminações. O que acha do racismo estrutural brasileiro?

Sou Ivoariense, de Abidjan, na Costa do Marfim. No entanto, para ser também justa com as muitas identidades que carrego comigo, sou iraniana-colombo-ivoariense-americana e até brasileira. Pertencem a muitos lugares no mundo! Vivenciei muita discriminação pela maneira como as pessoas me percebem. Raça não é biologia, é sociologia e em nenhum outro lugar melhor do que no Brasil podemos entender o papel que o colorismo desempenha na maneira como somos tratados. Eu fiquei realmente ofendida e perplexa a primeira vez que visitei o Brasil e fui chamada de branca, tendo sofrido constante discriminação nas escolas com os franceses e na maioria dos lugares, países do Norte onde sou vista como uma 'pessoa de cor', não branca. Fui chamada de 'árabe suja'.

Fui algemada, fisicamente abusada e jogada na cadeia por um policial branco nos Estados Unidos. O que ainda me faz tremer toda vez que vejo um policial. Uma amiga, que me acompanhava naquele dia, sabiamente me disse: “você sabe o que uma pessoa negra sente nos EUA toda vez que vê um policial?”. Mas, não posso sequer fingir compreender o profundo racismo que as comunidades negras no Brasil enfrentam diariamente.

Atualmente, no Brasil, existe um movimento muito grande em prol do empoderamento feminino negro.

Como vê esses avanços?

O Brasil realmente serve como modelo para o resto do mundo. Enquanto, por um lado, o assassinato de Marielle Franco fez ressurgir as muitas faces da magnitude longa da violência que está historicamente entrelaçada com desigualdades raciais e de gênero, manifestada na segregação territorial, na crise política do país e nos retrocessos democráticos, e no surgimento de feminicídios no Brasil, particularmente das mulheres afrodescendentes, por outro também destacou a mudança que seu trabalho representou para o país. O significado de sua morte, especialmente para a comunidade negra, desencadeou o “Efeito Marielle”. Seu legado se espalhou por todo o país com um número sem precedentes de mulheres negras, LGBTQs e mulheres trans envolvidas na política. Os efeitos também foram observados até nas eleições de 2018 na Costa Rica, que marcaram a primeira vez que uma mulher afrodescendente foi eleita vice-presidente na região continental das Américas. A representação e o empreendedorismo das mulheres negras também aumentaram em outros círculos, como no cinema, nos esportes, na academia e nos negócios.

O empreendedorismo negro e feminino tem se mostrado uma das soluções para questões econômicas e sociais negra, como a senhora vê isso?

As mulheres negras no Brasil têm estado na base da hierarquia socioeconômica e estão situadas na interseção de múltiplas formas de exclusão e discriminação. Portanto, não é uma surpresa que elas estejam na vanguarda dos movimentos econômicos transformadores e formem a maior população de empreendedores do país. As mulheres têm se posicionado para mudar as narrativas existentes que colocam os afrodescendentes na base da pirâmide para abraçar oportunidades econômicas, a inclusão social e o empoderamento político. O boom tecnológico combinado com o crescimento econômico criou um ambiente propício a oportunidades para todos. Com habilidades aprimoradas, uma perspectiva internacional e novas ferramentas, as jovens negras podem entrar em novos mercados e liderança para experimentar o sucesso em áreas historicamente negadas a elas. Em 2018, a Colômbia tornou-se o centro de mídia para divulgar informações sobre empreendedoras negras na América Latina, começando no dia 25 de julho do

2018, lançada pela plataforma de mídia Shock Caracol e a startup internacional Black Women Disrupt. Ao longo do restante do ano, mais de 25 jovens negras foram celebradas nas redes digitais em toda a região e no mundo quebrando paradigmas negativos, destacando suas iniciativas empresariais e construindo pontes através das fronteiras.

A violência policial é algo vivenciado pela juventude negra, no Brasil, Colômbia, Venezuela e outras partes da América Latina. A senhora vê uma forma de se criar uma rede para enfrentar esse problema?

Este tem sido meu sonho por muito tempo! Quando atravessei o mundo, percebi que a juventude de cor (não branca) e especialmente a juventude negra está enfrentando um conjunto poderoso e específico de estereótipos que os localizam como problemas particulares dos agentes-chave da socialização e do controle social. Eles se sentem isolados, particularmente no lugar onde formam a parte minoritária da população. Um Fórum Global da Juventude Negra servirá de impulso para maiores iniciativas. A proposta é se afastar de uma orientação deficiente para uma abordagem baseada nas aptidões e forças. Além de proporcionar uma plataforma para que jovens africanos e afrodescendentes dialoguem entre si e discutam os marcos de políticas, promovendo abordagens e iniciativas inovadoras e institucionalizadas.

O Brasil é um dos países que mais matam LGBTQs no mundo. Os números de estupros e violência contra as mulheres também são alarmantes. Até o final desta entrevista, muitos jovens negros terão morrido vítimas da violência. Seus estudos apontam para uma saída?





NA PRIMEIRA VEZ QUE VIM NO BRASIL FUI CHAMADA DE BRANCA, TENDO SOFRIDO CONSTANTE DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA COM OS FRANCESES



É uma questão bastante complexa e requer uma tese completa, mas posso compartilhar minhas experiências trabalhando em várias partes do mundo. Acredito que isso exigiria uma combinação de ações dos diferentes setores da sociedade e a responsabilidade e ônus não podem ser colocado apenas em civis. A discriminação é uma construção social. Portanto, usar uma abordagem igualitária, começando em uma idade jovem que contemple o jovem desde cedo, e incorporá-lo ao sistema educacional é um começo. Com isso, eu não quero dizer apenas limitada a políticas de ação afirmativa que ajudaram até certo ponto, mas a violência em direção a certas porções da população, como você mencionou, continua. Descobri que em meus estudos de violência, a exclusão em todas as suas formas, particularmente a exclusão econômica, estava no centro da intensificação da violência.

O setor privado tem o potencial de apoiar o crescimento econômico inclusivo e sustentável, por exemplo, mas precisa ser conjugado com a aplicação de políticas inclusivas e com mercados emergentes, como o ecossistema de Black Money apoiando jovens empreendedores negros, especialmente mulheres. A representação também é fundamental para combater a discriminação e a violência contra um setor da população, quebrando os paradigmas negativos que limitam suas capacidades e oportunidades de crescimento. Descobri que equipar os jovens com as habilidades necessárias para promover seus empreendimentos e conectá-los a outros jovens através das fronteiras geográficas, por exemplo, ajudá-los a superar os sentimentos de desamparo e isolamento e fomentar o engajamento e a liderança cívicos, e recuperação de representações de suas identidades e realidades.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

EDIÇÃO 206 | REVISTARACA.COM.BR

MATÉRIAS

- 28** **MARANHÃO**
ESTADO GANHA FORÇA CONTRA
O FEMINICÍDIO
- 42** **NA TELINHA**
VERÃO 90 DESTACA
- 46** **ANIMAÇÃO**
REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS
DESENHOS ANIMADOS
- 48** **BELEZA**
BATONS PARA TODOS OS GOSTOS



20
MODA
STREET

30

QUEM MATOU
**MARIELLE
FRANCO?**



SEÇÕES

- 03** Opinião de Raça
- 04** Páginas Pretas
- 10** Interativa
- 12** Agenda
- 16** Livros
- 18** Zulu
- 24** Dra. Katleen Conceição
- 45** Dr. Édio Silva
- 50** Carol Barreto
- 58** Saúde
- 59** Flavio Andrade
- 60** Negros em Movimento



50
ANCESTRALIDADE



FOTO ARQUIVO PESSOAL

ATÉ QUANDO ESPERAR?

Dia após dia, mês a mês, entra ano sai ano. Promessas. Esperanças. Expectativas. E a mudança, que é bom... a passos lentos ansiamos por melhorias, em todos os setores. E, cada vez mais, o poder feminino se faz presente neste processo, deixando desacreditados aqueles que subestimam a nossa força.

Mulheres cada vez mais aguerridas como as integrantes da Rede Brasil Afroempreendedor e o Grupo Mulheres do Brasil, mostram que, indo à luta, os resultados aparecem. Criar, inovar, renascer como fez a tatuadora Aline Monteiro, que deixou o comodismo de uma profissão que não a fazia feliz e embarcou na liberdade de fazer o que ama.

Chegamos ao mês dedicado à mulher. O dia 08 de março destaca a data internacionalmente como um reconhecimento que gostaríamos muito de ver, perceber e reconhecer, de fato e de direito, no dia a dia. Desde o final do século XIX e início do século XX, exaltavam-se as lutas femininas. 1975 foi designado pela ONU como o Ano Internacional da Mulher e a data foi sugerida como o Dia Internacional da Mulher pelas Nações Unidas, tendo como objetivo lembrar as conquistas sociais, políticas e econômicas femininas, independente de divisões nacionais, étnicas, linguísticas, culturais, econômicas ou políticas.

Mas não basta lembrar. Foi por correr na direção contrária ao conformismo e efetivamente lutar por mudanças, que perdemos Marielle Franco. Há um ano. No mês da mulher. A vereadora foi vítima de um crime brutal, até hoje sem solução. Tal qual o trágico fim da soldado Juliane, do pedreiro Amarildo e da dona de casa Claudia.

Esperamos por respostas. Queremos soluções. Exigimos justiça. O tempo não espera. A vida segue e o conformismo não pode ter vez. Aceitar os revezes é para os fracos. Nunca será o nosso caso. Seguiremos esperando. E agindo. De sexo frágil, não temos nada.

Flavia Cirino

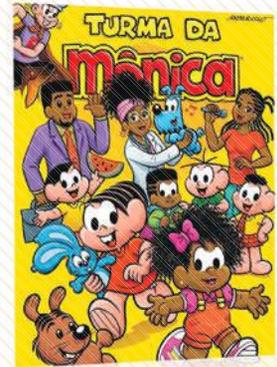
Editora chefe
flavia.editora@revistaraca.com.br



OSCAR BLACK

Orgulho imenso para o povo preto diante das sete indicações do filme Pantera Negra ao Oscar. Wakanda Forever!

Rodrigo Henrique, Itabuna BA



MILENA CHEGOU!

Saber que o erro de uma infância sem representatividade não repetido por minha filha, me fez admirar ainda mais o Maurício de Souza. Viva a Turma da Mônica, melhor agora com a chegada da Milena!

Gláucia Mendonça, Paranavaí PR

UM SORRISO NEGRO

Eu não sei se gostei mais de conhecer a história ou ver o lindo sorriso de Thiago Oliveira na edição 205. Excelente jornalista, parece ser ótima pessoa, daquelas que a gente quer como amigo.

Sandra Esteves, Porciúncula RJ



POR ONDE ANDAM?

Vi no Instagram da revista um post sobre a Chica Xavier e me emocionei. Que tal uma entrevista com ela e seu marido, o ator Clementino Kelé, para sabermos como estão?

Rejane Aparecida Castro, Guaratinguetá SP



RACÇA **3 NA TV**

O PROGRAMA É UMA TRIBUNA DO DIREITO À IGUALDADE RACIAL. APRESENTADO PELO JORNALISTA, CARTUNISTA, ESCRITOR MAURICIO PESTANA ONDE TODA SEMANA É ABORDADOS TEMAS COMO CULTURA, MODA, EMPREENDEDORISMO, POLÍTICA E MUITO MAIS.

O PROGRAMA VAI AO AR TODA SEGUNDA-FEIRA 23H NO CANAL03 DA NET EM GUARULHOS



TV GUARULHOS



ROMANTISMO EM PORTO ALEGRE

Com uma carreira que abrange mais de duas décadas, dois Grammy Awards, 20 milhões de álbuns vendidos e papéis protagonistas da Broadway, os sons aclamados e românticos de Jon Secada, resultam em numerosos sucessos em inglês e espanhol estabelecendo-o como um dos primeiros artistas bilíngues a ter sucesso internacional, com sua música latina mesclada a sua música pop americana. De volta ao Brasil, o cantor se apresenta em Porto Alegre no final do mês.

SERVIÇO:

Jon Secada
 Auditório Araújo Vianna (Av. Osvaldo Aranha, 685
 Parque Farroupilha, Porto Alegre - RS)
 Sexta-feira, 22 de março, às 21h
 Ingressos a partir de R\$ 200
 Classificação etária: 14 anos



THE JACKSONS EM SÃO PAULO

O lendário grupo The Jacksons vem ao Brasil para duas apresentações. Os irmãos Jackie, Jermaine, Marlon e Tito Jackson se apresentarão no dia 16 de março, no Espaço das Américas, em São Paulo. Na década de 70, ao lado do irmão Michael, The Jackson 5 se tornaram uma sensação instantaneamente e até hoje são adorados por milhões de fãs em todo o mundo. Com seu soul e pop único e cheio de alma, uma extensa lista de sucessos e impecáveis apresentações ao vivo mudaram para sempre o cenário musical mundial.

SERVIÇO

The Jacksons
 Espaço das Américas (Rua Tagipuru 795,
 Barra Funda – São Paulo)
 Sábado, 16 de março, às 22h
 Ingressos a partir de R\$ 190



DO CURTUME À HARVARD

Mais de 100 prêmios, inúmeras histórias de superação. Filha de uma empregada doméstica e de um funcionário de um curtume em Franca, no interior de São Paulo, Joana D'Arc Félix de Sousa, de 53 anos, ingressou na Faculdade de Química na Unicamp, em Campinas, aos 14 anos. Morou sozinha num pensionato e dormiu muitas noites com fome. Saiu de lá com mestrado e doutorado. Aos 25 anos, era PhD em Química pela Universidade Harvard. Desde 2004, faz pesquisa de ponta com alunos da Escola Agrícola de Franca, onde é professora e coordena o curso técnico de curtimento. Sua trajetória será contada numa palestra de 100 minutos.

SERVIÇO:

Joana D'arc - uma história inspiradora
Teatro Bradesco RJ (Avenida das Américas, 3900
Barra da Tijuca, Rio de Janeiro)
Terça-feira, 26 de março, às 20h30
Ingressos a partir de R\$ 70
Classificação etária: Livre

KIZOMBA PERNAMBUCANA

Organizado pela Kizomba Afrojoy Brasil, os criadores do Exalta Afro Festival International e o Afrojoy Kizomba Congress, o BKF, é um evento repleto de Workshops, Festas, Troca de Informações, Cultura, História e energia positiva para os Amantes da Kizomba, Semba e Afro House – Kuduro. Em três dias haverá Djs Internacionais e Nacionais, workshops, festas, Troca de Informações, para os admiradores de variados ritmos Afro-Latinos.

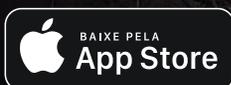
SERVIÇO:

Brazil Kizomba Fest
Hotel Amoaras Resort (R. Da Amoaras Resort, 525
Maria Farinha Paulista, PE)
22 a 24 de março, a partir das 16h
Ingressos a partir de R\$ 400
Classificação etária: 18 anos

RACISMO NÃO SE DISCUTE, **SE COMBATE.**

Baixe agora o aplicativo
Mapa do Racismo.

INSTALE PELAS LOJAS:



www.mapadoracismo.mpba.mp.br

Quando lutam contra o racismo, as mulheres precisam redobrar a força e a resistência para vencer os desafios ligados ao seu gênero.

Se você foi vítima de alguma ofensa racial ou discriminação religiosa, presenciou ou sabe de algum caso, denuncie. As denúncias são válidas para todos os casos de racismo e intolerância religiosa ocorridos na Bahia.



 **TODOS CONTRA O RACISMO**



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA

GUARDIÃO DA CIDADANIA

 /mpdabahia

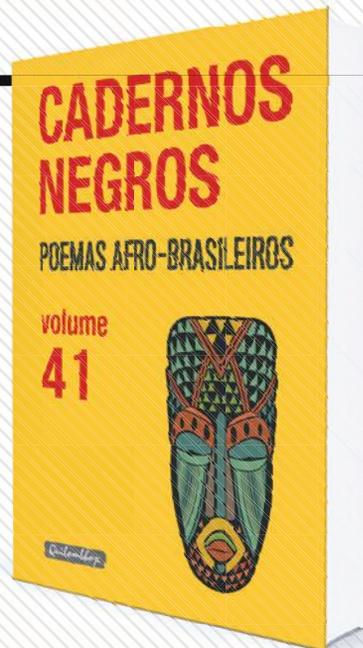
www.mpba.mp.br



AQUI NO MORRO, TEM PRINCESA SIM!

Simone Botelho

Todos temos reinados a serem conquistados. Ter a liberdade de ser o que quiser é uma luta contínua onde além da dedicação precisaremos também da fé. Ser princesa, é poder reinar sobre suas escolhas. Pedagoga, pós graduada em arte da educação, professora, dançarina, ativista de causas raciais, sociais e culturais, além de uma das fundadoras e idealizadoras do coletivo As Pretas, Simone Botelho lança o livro “Aqui no Morro Tem Princesa, Sim!”, parte de seu projeto pessoal para empoderamento de crianças principalmente negras. A obra conta a história de Alika, uma menina negra periférica de 10 anos de idade, que mora com sua avó no alto do Morro e que seus sonhos também vivem nas alturas. Alika quer ser uma princesa real, conquistando o reino da cultura. Mas, na terra do samba, reinar é ser princesa de carnaval... Para sua felicidade essa oportunidade se dará pelas ondas do rádio. Alika contará com sua fé, dedicação e uma fada madrinha. Mais será que tudo isso será o suficiente para alcançar o reinado?



CADERNOS NEGROS Poemas Afro-Brasileiros Volume 41

Vários autores

O que faz uma série literária durar mais de quatro décadas? Não existe uma receita pronta, mas um dos fatores é a resistência, a vontade de fazer acontecer independentemente das dificuldades. Mas isso não seria suficiente se os textos não tivessem qualidade, se não emocionassem o leitor e a leitora. E é isso que o livro Cadernos Negros Volume 41 apresenta: poemas com os quais qualquer leitor ou leitora poderá se identificar, pois trazem a universalidade dos afetos e esperanças que vivem no coração de qualquer ser humano. Criada em 1978 por Cuti e Hugo Ferreira e coordenada desde 1999 por Márcio Barbosa e Esmeralda Ribeiro, a série mostra em suas páginas várias gerações de autores. Neste volume 41, são 43 poetisas que colocam a escrita afro-brasileira entre o que de melhor tem sido produzido na literatura deste país.

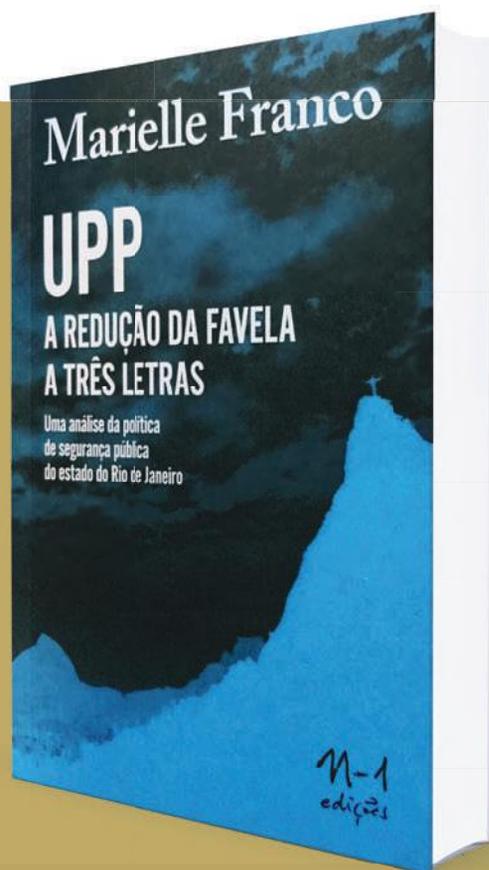
Maiores informações: www.quilombhoje.com.br/livraria



A MENINA E O CÉU AZUL

Paula Brito

Formada em licenciatura e desenho pela UFBA, na Escola de Belas Artes, Paula Brito lança o livro infantil “A Menina e o Céu Azul”, com ilustrações de Maria Mariô. A obra conta a história da Menina Rosa e do Céu Azul, que possuem uma linda relação de amor, fantasia e amizade. Sempre que Rosa está brincando na praça, o Céu Azul está com ela, em meio a nuvens que parecem algodões coloridos. Certo dia, Rosa sente que não é compreendida pelas pessoas, que não entendiam sua amizade tão diferente, e passa a ter sensações, como medo, tristeza e insegurança. O livro ensina às crianças a relevância da imaginação e da amizade. Além disso, mostra como é necessário aceitar as diferenças e a importância de cada um.

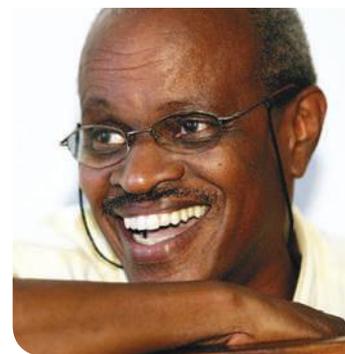


UPP - A REDUÇÃO DA FAVELA A TRÊS LETRAS

Marielle Franco

Marielle Franco, tanto tempo depois de seu desaparecimento, continua presente. Ela está na memória e nas vozes de todos que não permitem que seu brutal assassinato seja esquecido. Ela ocupa um lugar especial na mente de todos aqueles que mantêm a capacidade de se indignar. E agora ela também se faz presente em livro, com sua tese de mestrado, com suas ideias e análises. A tese aborda a questão da segurança. Marielle procura ver o que está por trás da ocupação das comunidades pela força policial e em que medida essa militarização das favelas resulta em maior repressão e controle dos mais pobres. Para ela, a solução não está na violência, mas na ampliação de direitos básicos para a população. Marielle, ela própria egressa da favela, fez seu percurso até a Academia e concluiu o mestrado com muita luta, e também, como ela mesma pontua, “com muito amor”, sem esquecer ou abandonar, porém, suas origens. Talvez seja por causa dessa capacidade de se doar que sua memória esteja tão presente.

Maiores informações: <https://n-1publications.org>



Zulu Araújo

E O SANGUE CONTINUA NO ASFALTO

Quase um ano após o brutal assassinato da vereadora Marielle Franco e do seu motorista Anderson Gomes, o caso continua insolúvel e um silêncio macabro tenta encobrir ou apagar a todo custo a responsabilidade do aparelho de segurança do estado do Rio de Janeiro neste crime hediondo. É inadmissível que um crime de tamanha repercussão e com tantas evidências, não se tenha encontrado, até o presente momento, nenhum indício ou prova que leve à prisão e consequente punição dos autores materiais e intelectuais desta barbaridade.

Repito aqui o que disse no dia 15 de março do corrente ano, em artigo nesta mesma revista Raça: “A execução brutal da vereadora Marielle Franco, do PSOL do Rio de Janeiro, apesar de chocante, não é algo isolado dentro da crescente onda de violência que assola o país. É uma crônica de muitas mortes anunciadas. Há anos, o Rio de Janeiro vem sendo o grande laboratório da barbárie, do narcotráfico, dos grupos de extermínio, das milícias e da violência policial no seu grau mais perverso. E o que é pior, com o beneplácito e a conivência, quando não a participação, do próprio aparelho de Estado carioca.” E, lamentavelmente, parece que o enunciado acima está a se confirmar.

Os tiros que atingiram a vereadora Marielle e o seu motorista Anderson, também atingiram a democracia brasileira, ou seja, o bem maior de toda e qualquer sociedade que deseje ser chamada de civilizada. Em verdade, este assassinato a sangue frio é um escárnio para com o processo civilizatório brasileiro. Mais que isto, este crime apresenta para o mundo um país que não respeita a lei, os direitos humanos, nem muito menos o seu povo. É o império da lei do mais forte, associada à lei do abate. É a bancada da bala que agora assumiu o poder se fazendo presente de forma clara e desafiadora. É a junção do racismo com o feminicídio, a covardia, a impunidade e o desprezo

mais profundo por tudo que signifique civilização.

Esse crime é também símbolo da conivência, da insensibilidade e irresponsabilidade com que boa parte da nossa sociedade, incluso os poderes da República, tem tratado a violência no Brasil. Continuam valendo no Brasil contemporâneo os versos do compositor “Seu Jorge” – “A carne mais barata do mercado é a carne negra”. E tem sido sobre essa carne que a violência, muitas vezes conduzida pelo aparelho de segurança do Estado brasileiro, tem se abatido sem dó nem piedade, em particular contra a comunidade negra e mais particular ainda contra a sua juventude. Claro que é preciso dar um basta nesta situação e, mais claro ainda, que devemos continuar exigindo o esclarecimento definitivo desse brutal assassinato.

Mas, isto só não basta, o que esse assassinato nos mostra e nos indica é que há algo muito mais sério e importante em jogo nesse momento em nosso país: a Democracia. Não podemos, nem devemos permitir que, em nome da segurança ou de qualquer outro argumento falacioso, esse instrumento tão duramente conquistado em nosso país seja posto em risco de forma tão brutal, nem muito menos que os nossos representantes eleitos popularmente para assegurá-la tenham suas vidas ceifadas de forma tão covarde ou tenham que fugir do país por se sentirem inseguros e não serem obrigados a encontrar a paz dos cemitérios, como ocorreu com o deputado federal Jean Wyllys.

Por isto mesmo, muito mais do que os lamentos e denúncias sobre a morte desta corajosa mulher, precisamos unir forças, articular as instituições democráticas no Brasil e no exterior e mobilizar a nossa sociedade para fazer com que as conquistas alcançadas até agora sejam asseguradas e que os direitos democráticos de nossa população sejam definitivamente consolidados.

Viva Marielle Franco!

Toca a zabumba que a terra é nossa!



LENDAS E DEUSES DA ÁFRICA

As lendas e deuses trazidos pelos escravizados ao Brasil sempre permaneceram relegados aos que conhecem ou são adeptos das religiões de matrizes africanas, ou, quando muito, estão em estudos acadêmicos de trabalhos direcionados a pesquisadores.

Pela primeira vez surge um trabalho direcionado às crianças em que o autor, o cartunista Maurício Pestana, com uma linguagem lúdica e bastante didática, quebra preconceitos e tabus trazendo para público em geral visão bastante interessada dos deuses e das lendas milenares africanas.

Serviço:
Lendas e Deuses da África
Editora Nova Fronteira
onde comprar:
www.revistaraca.com.br


NOVA
FRONTEIRA

ESTILO



STREET

CAPA DE CHUVA: PLÁSTICO
BOLHA STORE, BLUSA: ADIDAS
KINGS (BOAVISTA SHOPPING),
SAIA: FOREVER 21, TÊNIS:
CONVERSE, MEIAS: STANCE
SOCKER, COLAR, PULSEIRAS E
BRINCOS: ATELIER CHILAZE



BODY: TVZ, BLAZER E TÊNIS: AMARO, SAIA: FABULOUS, CORRENTES E BRINCOS: ATELIER CHILAZE E BRACELETES: ACERVO



JAQUETA: COLETIVO DE DOIS, TOP: FOREVER 21, SHOTS: MIZUNO, TÊNIS: CONVERSE, MEIAS: STANCE SOCKER, ÓCULOS: RAY-BAN, PULSEIRAS E COLAR: ATELIER CHILAZE



BODY: AMARO, JAQUETA: FOREVER 21, MEIAS: STANCE SOCKER, ÓCULOS: HAVAIANA, BOTA, BRINCOS E CORRENTES: ACERVO. RÁDIO: PANDORA BOX

STYLE

MAIS COLORIDO DO QUE NUNCA: O NEON CHEGOU E DOMINOU!

por FERNANDO COSTA | fotos CASSIO TASSI

A tendência das cores neon voltou direto dos anos 90 e invadiu o *street style*. Esse retorno, que vem ganhando destaque nas ruas, marcou o verão com cores vibrantes e iluminadas, e promete deixar o outono/inverno 2019 mais colorido do que nunca. Se você ainda não investiu nesta tendência, chegou a hora de incorporar as cores fluorescentes ao seu *look*.

“Para quem ama as cores vivas e é apaixonado pelo fluorescente vale

arriscar no visual monocromático. Essa é uma escolha bem ousada”, relata a *stylist* da agência de modelos Tess Models, Ana Paula Fernandes. “Para quem ainda está se acostumando com a ideia, o ideal é montar *looks* com uma ou duas peças dessa tendência. As cores serão fundamentais para determinar o sucesso do *look*.”

Não tenha medo de arriscar. *Pink*, laranja, roxo, amarelo e prata são *trends* que marcam esse estilo. Não se esqueça dos acessórios, eles darão uma pitada especial na composição

dos *looks*. “Lenços, cintos, pochetes, brincos, colares e óculos escuros dão um toque especial ao visual. Essas opções são perfeitas para dar um *up* em uma produção mais básica, como o combo calça, *jeans* e camiseta, e quebrar um estilo mais tradicional”, finaliza Ana Paula Fernandes.

E foi pensando em deixar você por dentro desse estilo que, em parceria com a agência de modelos Tess Models, fizemos esse editorial no Beco do Batman, famoso ponto turístico da capital paulista. Confira!



ACIMA HOT PANT: COLETIVO DE DOIS, CAMISA: KES, BLAZER: AMARO, TÊNIS: CORELLO, PULSEIRAS E CORRENTTE: ATELIER CHILAZE



ACIMA JAQUETA: COLETIVO DE DOIS, TOP: FOREVER 21, SHOTS: MIZUNO, TÊNIS: CONVERSE, MEIAS: STANCE SOCKER, ÓCULOS: RAY-BAN, VISEIRA: ACERVO, PULSEIRAS E COLAR: ATELIER CHILAZE

ABAIXO DA ESQUERDA PARA A DIREITA: MODELO 1: JAQUETA: COLETIVO DE DOIS, TOP: FOREVER 21, SHOTS: MIZUNO, TÊNIS: CONVERSE, MEIAS: STANCE SOCKER, ÓCULOS: RAY-BAN, VISEIRA: ACERVO, PULSEIRAS E COLAR: ATELIER CHILAZE. MODELO 2: BODY: AMARO, JAQUETA: FOREVER 21, MEIAS: STANCE SOCKER, ÓCULOS: HAVAIANA, POCHETE: PLÁSTICO BOLHA STORE, BOTA, BRINCOS, VISEIRA E CORRENTES: ACERVO



CRÉDITOS

ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA: FERNANDO COSTA
STYLIST: ANA PAULA FERNANDES
PRODUÇÃO DE MODA: IRAÉ CUETO E SAMARA SANTOS
MAQUIAGEM: ISABELLE FREITAS
ASSISTENTE DE MAQUIAGEM: ROYCE BEENSON E BIANCA JERALDO
HAIR: SALÃO DE CABELEIREIRO PRETA BRASILEIRA
TRATAMENTO DE IMAGEM: CASSIO TASSI
MODELOS: AGÊNCIA DE MODELOS TESS MODELS
 (WWW.TESSMODELS.COM.BR)
PRODUÇÃO EXECUTIVA: PAULO HENRIQUE ALBUQUERQUE E
 CLÁUDIA ZANONI/YBRASIL
COORDENAÇÃO GERAL: FELIPE MONTEIRO
LOCAÇÃO: BECO DO BATMAN
AGRADECIMENTOS: CAZAZERO E SANTA MADALOCA



ACIMA CAPA: PLÁSTICO BOLHA STORE, VESTIDO: KES, TÊNIS: KINGS, MEIAS: STANCE SOCKER, ÓCULOS: HAVAIANAS, TÊNIS: ADIDAS KINGS (BOAVISTA SHOPPING), PULSEIRA E CORRENTE: ACERVO



ACIMA AS TRÊS MODELOS DE TRÁS, DA DIREITA PARA A ESQUERDA: MODELO 1: JAQUETA: COLETIVO DE DOIS, TOP: FOREVER 21, SHOTS: MIZUNO, TÊNIS: CONVERSE, MEIAS: STANCE SOCKER, ÓCULOS: RAY-BAN, VISEIRA: ACERVO, PULSEIRAS E COLAR: ATELIER CHILAZE. MODELO 2: BODY: TVZ, BLAZER: AMARO, SAIA: FABULOUS, CORRENTES E BRINCOS: ATELIER CHILAZE E BRACELETES: ACERVO. MODELO 3: HOT PANT: COLETIVO DE DOIS, CAMISA: KES, BLAZER: AMARO, TÊNIS: CORELLO, PULSEIRAS E CORRENTES: ATELIER CHILAZE. AS TRÊS MODELOS DA FRENTE, DA DIREITA PARA A ESQUERDA: MODELO 1: BODY: AMARO, JAQUETA: FOREVER 21, MEIAS: STANCE SOCKER, ÓCULOS: HAVAIANA, POCHETE: PLÁSTICO BOLHA STORE, BOTA, BRINCOS E CORRENTES: ACERVO. MODELO 2: CAPA DE CHUVA: PLÁSTICO BOLHA STORE, BLUSA: ADIDAS KINGS (BOAVISTA SHOPPING), SAIA: FOREVER 21, TÊNIS: CONVERSE, MEIAS: STANCE SOCKER, COLAR, PULSEIRAS E BRINCOS: ATELIER CHILAZE. MODELO 3: CAPA: PLÁSTICO BOLHA STORE, VESTIDO: KES, TÊNIS: KINGS, MEIAS: STANCE SOCKER, ÓCULOS: HAVAIANAS, TÊNIS: ADIDAS KINGS (BOAVISTA SHOPPING), PULSEIRA E CORRENTE: ACERVO



AO LADO DA ESQUERDA PARA A DIREITA: MODELO 1: CAPA DE CHUVA: PLÁSTICO BOLHA STORE, BLUSA: ADIDAS KINGS (BOAVISTA SHOPPING), SAIA: FOREVER 21, TÊNIS: CONVERSE, MEIAS: STANCE SOCKER, COLAR, PULSEIRAS E BRINCOS: ATELIER CHILAZE. MODELO 2: HOT PANT: COLETIVO DE DOIS, CAMISA: KES, BLAZER: AMARO, TÊNIS: CORELLO, PULSEIRAS E CORRENTE: ATELIER CHILAZE. MODELO SENTADA: JAQUETA: COLETIVO DE DOIS, TOP: FOREVER 21, SHOTS: MIZUNO, TÊNIS: CONVERSE, MEIAS: STANCE SOCKER, ÓCULOS: RAY-BAN, VISEIRA: ACERVO, PULSEIRAS E COLAR: ATELIER CHILAZE. RÁDIO: PANDORA BOX



FOTO: THIAGO BRUNO

Katleen Conceição

PIONEIRISMO NA DERMATOLOGIA DE PELE NEGRA

Eu ia fazer Pediatria. Mudei no meio do caminho. O meu pai já era Dermatologista. Comecei a dar muito plantão em Pediatria e vi que, realmente, era complicada até pela qualidade de vida, e migrei para a Dermatologia.

Chefiava um ambulatório de peeling e as pessoas me encaminhavam os pacientes negros. Até que perguntei a um deles, Sr João, o porquê as pessoas negras vinham para mim. “Eles dizem que a senhora é quem sabe atender pele negra”. E eu indaguei. “Ah, é? Eu nem sabia disso”.

O racismo é tão velado que a gente nem questiona quando não se vê. E aí fui a um congresso em São Francisco, nos Estados Unidos e encontrei vários dermatologistas negros conversando. Fui até eles e me levaram para uma aula de oito horas sobre pele negra, assisti sozinha. Chamei minhas amigas, mas elas não quiseram ir, preferiram ter outras aulas. Durante essas oito horas, chorei e me questionei. Sou evangélica e conversei com Deus: se o Senhor está colocando essa oportunidade no meu caminho, eu quero estudar e ser referência no meu país.

Voltando para o Brasil, a primeira pessoa que atendi com essa patologia que precisou de uma abordagem diferenciada para a pele negra, foi a Mercedes Araújo, mãe da Taís Araújo.

Depois de estar curada, ela me encaminhou a Isabel Fillardis, que tinha uma patologia de difícil tratamento, e veio também o Lázaro Ramos, que precisava ser um galã na novela

Insensato Coração, na Globo, com uma pele incrível. Deles, vieram outros pacientes, como Cris Vianna e Preta Gil. Todo mundo fala que sou a médica dos famosos. Mas sou uma médica Dermatologista Clínica com formação principalmente em patologias da pele negra e aplicação de laser específico para a pele negra. Os famosos me dão notoriedade, visibilidade para que as pessoas venham ser tratadas por mim no setor da pele negra no Leblon, na Zona Sul do Rio de Janeiro, onde eu atendo há sete anos.

Comecei a fazer um trabalho para pessoas carentes no Hospital de Bonsucesso, também no Rio, mas fechou. Passei então para a Santa Casa de Misericórdia, onde sou chefe há seis anos. Eu não divulgo esse serviço porque muitas pessoas negras que tem condições o utilizam para se beneficiar. Eu tiro um dia na semana para atender pessoas com patologia de pele negra que não teriam condições de estar no meu consultório.

Tomei a iniciativa de solicitar que todo paciente que venha para o ambulatório na Santa Casa, tenha que ter encaminhamento do Sistema Único de Saúde (SUS). Ele passa pelo ambulatório geral, os médicos residentes avaliam e passam para o ambulatório de pele negra. Não pode simplesmente chegar e marcar. Quero atender a todos. Sem privilégios.

KATLEEN CONCEIÇÃO, Chefe do ambulatório de pele negra da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, Chefe do setor de dermatologia para pele negra do Grupo Paula Bellotti, no Rio de Janeiro, Membro da Sociedade Brasileira de Laser

REVISTA

RAÇA



REVISTA RAÇA



@REVISTARAÇA



@REVISTARAÇA



REVISTA RAÇA

**CADA DIA MAIS
CONECTADA A VOCÊ**

SOMBRAS PARA NOITE E DIA

O calor de marrons quentes, laranjas queimados e acobreados. Esta paleta tem tudo para criar *looks* diurnos ou *looks* noturnos intensamente esfumados. Os tons da linha Urban Decay ficam incríveis em qualquer tom de pele, garantindo olhos marcantes, ousados e radiantes para surpreender. As sombras da paleta Naked Heat possuem cores vibrantes e pigmentadas com textura aveludada, o que facilita na hora da aplicação.

Preço sugerido: R\$349



TRÊS EM UM

Uma combinação de *bronzer*, *blush* e iluminador. Formulada com a deliciosa e adorável essência de pêssego, a linha Too Faced – Paleta Sweet Peach Glow, promove à pele um brilho radiante e natural, com aquele *glow* maravilhoso! As cores são suaves e se completam: ideal para todos os tipos de pele, podem ser usados separadamente ou em conjunto. Criado para iluminar e transformar o rosto com nuances de brilho dourado do pêssego em toda a pele. A fórmula é livre de glúten e parabenos. Não é testada em animais.

Preço sugerido: R\$249

HIDRATAÇÃO, BRILHO INTENSO E MACIEZ



O interesse e a busca por cabelos afro cresceram nos últimos anos, grande parte pelo empoderamento feminino. A **Linha Afro Vegan Inoar** proporciona hidratação, brilho e maciez aos fios ondulados, cacheados, crespos e afros, devido às manteigas e aos óleos vegetais de sua composição. Em sua fórmula vegana se destacam: a manteiga de karité, poderoso hidratante antioxidante que deixa os cabelos maleáveis, e o óleo de rícino, rico em vitamina E, minerais e com propriedades antibacterianas, que hidrata

e repõe nutrientes, além de selar as cutículas dos fios e deixá-los macios e com brilho, estimulando o seu crescimento. A linha completa é composta por *Shampoo*, *Condicionador*, *Leave-in*, *Óleo de umectação*, *Máscara Vegana* e *Ativador de cachos*. Há dois anos, a marca faz parte da lista do PETA (Associação de Pessoas pelo Tratamento Ético dos Animais) de empresas “livres de crueldade” (*cruelty free*) e vegana para sua linha de produtos capilares. Isso significa que esses produtos passam por testes, mas nunca em animais.



PÓS-VERÃO

O verão acabou e, com ele, fios descoloridos, água do mar e cloro costumam resultar em cabelos danificados e emborrachados. A Yamá Cosméticos desenvolveu um complexo de tratamento antiemborrachamento para salvar as madeixas. Formulado com elementos naturais, o produto pode ser utilizado a qualquer momento – mesmo antes da descoloração e conta com Bio-Restore, substância natural composta por derivados de trigo e silicone com alto poder condicionante para garantir proteção, brilho e maciez aos fios. O resultado final são cabelos mais fortes e resistentes, prontos para aproveitar a praia e a piscina com menos danos. O tratamento é indicado para fios lisos, crespos ou cacheados que passaram por processos químicos que danificaram a fibra capilar.

Preço sugerido:
280g R\$ 39,00 | 450g R\$ 58,50

OPÇÕES DEMOCRÁTICAS PARA PELE NEGRA

Cada vez mais investindo na democratização da beleza, a Sephora destaca opções de cores para atender a todos os tipos de pele e estilos. A mais recente adição à gama Star Lit da Make Up For Ever é o pó cintilante multiuso Diamond Powder, perfeito para o rosto e corpo, que proporciona um acabamento perolado e um brilho excepcional à pele. Disponível em quatro tonalidades, sua fórmula ultraesfumável e refletora de luz oferece um brilho intenso de madrepérola pura e permite customização da intensidade para qualquer *look*. O produto pode ser usado sozinho para um resultado cintilante ou aplicado sobre a sombra para obtenção instantânea de um acabamento ousado e altamente pigmentado.

Preço sugerido: R\$ 110



PARA CACHOS SOLTOS E PODEROSOS

Bonitos, vistosos, os cabelos cacheados impressionam por onde passam. Infelizmente, nem tudo são flores. Os cachos impedem que a oleosidade produzida na raiz chegue até às pontas, tornando os fios frágeis, secos e com *frizz*. A Linha Cabelos Therapya Aloe Vera com Óleo de Coco foi desenvolvida para cabelos cacheados, quebradiços e fracos. Em uma combinação balanceada de ativos que revitalizam os fios, ela promove hidratação, controla o volume, reduz o

frizz e preserva o movimento dos cachos. Além disso, proporciona mais saúde e brilho aos cabelos. Sua fórmula age na parte interna da fibra capilar, fornecendo nutrientes essenciais para a restauração da elasticidade dos fios extras ressecados, facilitando na hora de pentear e modelar os cachos de maneira suave. A linha completa é composta por *shampoo*, condicionador, máscara de hidratação, sérum hidratação e reparador de pontas.



Preço sugerido:

Shampoo R\$ 16,80 | Condicionador R\$ 16,80

Máscara de Hidratação R\$ 16,80

Sérum Hidratação Ultra Concentrado Óleo de Coco R\$ 16,82

Reparador de Pontas Óleo de Coco R\$ 7,13

COMBATE AO FEMINICÍDIO GANHA FORÇA NO MARANHÃO

O GOVERNO DO MARANHÃO TEM REALIZADO AÇÕES CONSTANTES AFIM DE CONTRIBUIR COM A REDUÇÃO DO NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DO CRIME DE FEMINICÍDIO NO ESTADO. ALÉM DO PRIMEIRO DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÃO ESPECIALIZADO DO PAÍS, ATUALMENTE O ESTADO CONTA COM ATENDIMENTO 24H NAS DELEGACIAS DA MULHER, COM A CASA DA MULHER

As ações são desenvolvidas em rede e englobam secretarias, escolas, polícias Civil e Militar, além de Defensoria, Ministério Público e Tribunais de Justiça, sob os viéses tanto da prevenção como da repressão ao crime.

De acordo com a Coordenadora da Casa da Mulher Brasileira, Susan Lucena, apenas o Estado do Maranhão tem um Departamento do Femicídio, o que é uma ação que visa prioritariamente a prevenção. Com pouco mais de um ano de funcionamento, a Casa reúne diferentes instituições especializadas no atendimento a mulheres em situação de risco e violência. De acordo com a Coordenadora, foi registrado um aumento no número de atendimentos, uma das consequências do trabalho de prevenção.

Com a instalação do Departamento de Femicídio da Superintendência Estadual de Investigação de Homicídios e Proteção à Pessoa (SHPP), especializado nas investigações desse tipo de crime, o número de resoluções das ocorrências chega a 100% na região metropolitana e 80% no interior, segundo a Delegada Coordenadora de Departamento, Viviane Azambuja.

Outro destaque expressivo no Maranhão é a Patrulha Maria da Penha, que recebeu reconhecimento nacional pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) como prática inovadora no combate à violência contra mulher. O grupamento especial é formado por 23 policiais militares, especialmente treinados para realizar atendimentos como visitas e rondas nas residências das vítimas de violência doméstica, evitando que agressores descumpram as medidas protetivas.

Denúncias de violência contra a mulher podem ser feitas pelos telefones 180, pelo Disque Denúncia, número 190 ou (98) 3223- 5800 para São Luís e 0300 313 5800







MARIELLE FRANCO:

UM ANO SEM RESPOSTA

Determinação da família dribla oportunismo e desrespeito à memória da ex-vereadora

por FLAVIA CIRINO | fotos GUILHERME SILVA

14

DE MARÇO DE 2018. MARIELLE FRANCO PARTICIPA DE UM FÓRUM DE MULHERES NA ONG CASA DAS PRETAS, NA LAPA, CENTRO DO RIO DE JANEIRO. SAINDO DALI, A PARLAMENTAR FOI MORTA COM QUATRO TIROS NA CABEÇA, JUNTO COM O MOTORISTA ANDERSON GOMES.

À ÉPOCA COM 38 ANOS E VEREADORA EM PRIMEIRO MANDATO, MARIELLE FRANCO ERA NEGRA, BISEXUAL E CRIADA NO COMPLEXO DA MARÉ, NA ZONA NORTE DO RIO DE JANEIRO. UM ANO APÓS O OCORRIDO, O CASO AINDA NÃO FOI ELUCIDADO.

Marielle usava seu mandato para lutar por causas relacionadas aos direitos humanos e denunciar a violência policial na cidade. De acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, é o perfil típico das mulheres vítimas de violência letal em todo Brasil.

Em nota, logo do ocorrido, a Polícia Civil informou que trabalharia para dar resposta imediata ao crime. Um ano já passou. Nenhuma resposta. Nenhum esclarecimento. Em fevereiro deste ano, com 11 meses de indefinições, a Anistia Internacional cobrou soluções.



A RAÇA reuniu os familiares da ex-vereadora, num bate-papo. Franco como sugere o sobrenome da família. O local não poderia ser mais apropriado: o Centro Cultural Calouste Gulbenkian, onde funciona a sede da Ceam - Centro Especializado de Atendimento à Mulher. A legítima família de Marielle Franco. Com vez e voz.

LUYARA FRANCO, A ÚNICA FILHA

RAÇA: Como se sente, um ano após o ocorrido?

LUYARA: Fiz 20 anos em dezembro, meu primeiro aniversário sem minha mãe. Tive que amadurecer. A menina de antes de 14 de março de 2018 passou a ter responsabilidade. Ingressei na faculdade, estou ajudando minha avó financeiramente porque minha mãe ajudava em maior parte. Parte do dinheiro que recebo de pensão vai para ela. Eu me sinto muito mais independente, porém sem poder dar flashes de rebeldia. A minha mãe era o pilar da família e estou tendo que pegar esse lado, eu e minha tia tentando dar uma centrada. É muita coisa acontecendo e nós somos muito coração. A minha mãe era muito mais para o racional.

RAÇA: Você é uma jovem negra nesta implacável sociedade. Como lida com a visão do outro por toda a sua história?

Luyara: Demorei muito para me identificar como mulher negra. Quando era pequena, pedia a minha mãe pra alisar o cabelo, dizia que era morena, e quando mudei de escola aos 13 anos, pude sair um pouco da bolha do lugar em que eu vivia e estive de cara com a política, por mais que eu acompanhasse minha mãe desde pequena.

Fui para um colégio de elite, a minha mãe ganhou bolsa de estudos, e me vi num lugar onde só tinha branco. Aí achei estranho, não era o que eu via antes. E passei a transitar nos dois mundos. Nos finais de semana eu ia pra casa do meu pai, na Maré. Estava sempre tentando identificar esses dois lados. Entrei para o grêmio estudantil e lá comecei a identificar. Fazia parte de um coletivo de mulheres e identificava que as próprias meninas criavam o racismo entre a gente. Daí comecei a entender o feminismo negro, a solidão da mulher negra, minha adolescência foi o que há... agora vejo o racismo mais institucional, tentando entender o sistema de cotas, eu não entrei na faculdade por cotas mas tenho bastante amigos que entraram. Outro dia saí de uma reunião de trabalho e fui jantar. Estava com meu telefone na mão e um copo. Um cara me chamou e pediu pra eu levar uma cerveja pra ele. Fiquei olhando e ele insistiu. 'Você não deve ter entendido, traz uma cerveja pra mim'. Quando eu ia responder que não trabalhava ali, ele pediu desculpas. É por isso que minha mãe morreu lutando. É por isso que tenho que continuar a lutar. Sempre dá aqueles estalos: tem que seguir mesmo em frente, não pode parar.

Raça: Como tem sido o seu dia a dia?

Luyara: Tento ocupar bastante a minha mente. Faço Educação Física na UERJ. De dia fico na faculdade, à tarde no trabalho. Participo do time de handebol, do time de líder de torcida e sou ritmista. Toco caixa, surdo e tamborim. Estou tentando preencher meu tempo com as coisas que eu já fazia antes, coisas que me fazem bem. Final de semana procuro ficar em casa.

Raça: Seu círculo de amigos mudou?

Luyara: As pessoas que já conviviam comigo, eu sempre puxo pra perto. Quem me conhece há pouco tempo, fica sabendo do acontecido, eu fico meio assim de falar, comentar. Tem quem queira minha amizade por interesse pelo rótulo de 'filha da Marielle'. Meus amigos antigos estão na luta comigo desde sempre. Teve gente que eu sentia falta pra caramba e, infelizmente pelo ocorrido, se reaproximou de mim e agora a gente se vê mais do que antes. Mas chegou muita gente pra somar, como a Kênia Maria, amigos que eram da minha mãe, que eu não conhecia.

Raça: O que você espera da vida?

Luyara: Tenho me preocupado muito com a nossa saúde. Eu estava tendo muitas crises de ansiedade e depressão. Há pouco tempo que os remédios começaram a fazer efeito. Além da justiça, é claro, quero cuidar da saúde dos meus avós e da minha tia. Quero que resolvam o caso e que as pessoas parem de usar o nome da minha mãe. Tem gente se aproveitando descaradamente do nome, viajando, ganhando dinheiro, ganhando trabalho e nós estamos ficando de lado. Esqueceram a família, legitimando uma coisa e deslegitimando outra. A justiça em todos os âmbitos. Espero a constitucional e também a justiça do dia a dia, de ter caráter, ter empatia e sororidade com as mulheres. A gente vê a família majoritariamente matriarcal. É preciso um pouco mais de cuidado.

Raça: Existe uma Luyara antes e outra depois de 14 de março de 2018?

Luyara: Virou só mais um rótulo e às vezes as pessoas julgam muito. 'Você é filha da Marielle, não pode fazer isso ou aquilo'. Mas eu já fazia antes! Agora a diferença é que vocês me reconhecem. Tem pessoas que nem sabem que ela tinha filha! As pessoas estão ganhando notoriedade em cima do nome, não sabem sequer a história certa. Luiara é uma menina doce, bem-humorada, introspectiva, mas sociável, já passou por algumas coisas na vida... (neste momento, ela chora). Me formei no curso de inglês após sete anos, Marielle insistiu tanto!

Raça: Hoje, o que te faz sorrir?

Luyara: A minha prima. A minha mãe, além de tia, era madrinha da Mariah e eu tenho tentado pegar esse lado pra mim. Busco na creche, levo pra brincar.

Meus amigos também me fazem sorrir. Por questões de segurança eu não faço tudo o que fazia antes. Aliás, há pessoas que tem segurança e a própria família não tem. A ausência é muito forte. Eu estava morando com a minha mãe fora da casa dos meus avós há sete anos. Voltar pra casa da minha avó, no lugar em que todos moramos juntos, e não ter aquela presença... pra mim parece que ela vai abrir a porta e entrar a qualquer momento. Tenho um quadro com o rosto dela no meu quarto. Às vezes estou me arrumando e acho que ela vai chegar e dizer 'ih, garota! Isso é mentira, esse quadro foi só um presente pra você'. Sinto a presença dela espiritual. Sinto que vou cair e ela me levanta. Minha fé aumentou. Somos todos devotos de Maria. Sou batizada, crismada, se não fosse a nossa fé eu já tinha caído. Quase caí acreditando, imagine... agora estou mais tranquila. Fiz tratamento psicológico por seis meses e ainda faço o psiquiátrico. É uma coisa que fica remoendo muito. Até na própria terapia, ficar falando dos meus traumas está me fazendo mal. Um mês após o acontecido eu comecei na psicóloga. Dei uma parada e agora sinto que está fazendo falta.

Raça: Diante do cenário político que temos atualmente, na presidência do país, no governo do estado do Rio de Janeiro e na prefeitura da cidade, o que te causa medo?

Luyara: O legado que esses caras deixam. O discurso de ódio que já pregavam antes mesmo das eleições. Às vezes tenho medo de sair com a camisa 'Lute como Marielle Franco'. As pessoas olham, leem. Tem gente que vem e me abraça. Nunca passei por nenhuma agressão verbal e nem física, mas recebo aqueles olhares. Pouco antes das eleições eu estava passando por São Cristóvão (bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro) e tinha um carro de polícia. Um dos policiais bateu com as mãos no teto do carro e disse 'olha a blusa da garota'. Eles leram, ficaram me olhando de cima abaixo, fiquei nervosa, demos a volta. Não tive coragem de passar na frente deles. A gente nunca sabe o que podem fazer. Eles antes já faziam sem ter alguém apoiando. Agora, então, que tem aquela pessoa que incentiva a ideologia deles...

ANIELLE FRANCO, A AGUERRIDA IRMÃ

Raça: Você passou a ser o esteio da família, sobretudo psicologicamente. Como está sendo essa jornada, de dar conta da sua vida pessoal, a sua casa, e seus pais e sua sobrinha?

Anielle Franco: É muito difícil. Eu não esperava passar por isso. Ninguém aqui esperava. Mas por ela e por eles eu tenho me desdobrado. Fui mandada embora de um emprego (como professora) em 2018 porque eu viajei muito, porque fiquei muito na mídia. Os pais não me queriam publicamente falando sobre política, independente da minha irmã ter sido assassinada. Só que decidi que ia fazer isso. Ia dividir meu tempo entre a mãe, a filha, a dona de casa, a tia-mãe, tocar a minha vida e tentar tocar um pouco o legado da Marielle. Porque não é só nosso, a gente sabe disso. Qualquer pessoa que perde um familiar, não tem como dar as costas para um acontecimento desse. É meu sangue ali. Eu vou honrar e vou fazer o que eu puder até o final. Tenho tirado um dia pra tocar o Instituto Marielle Franco, que nós legalizamos e aos poucos vamos dando forma. Por enquanto não temos sede. Estamos fazendo tudo na casa da minha mãe, que tem mais espaço. E mantenho o ‘Papo Franco’, que a Marielle começou comigo em 2015 e eu não esperava ter de dar conta disso sozinha. Começamos um ano antes da campanha dela. Eu tenho tentado buscar para eles auxílio de todas as formas: psicológico, emocional, para que eles entendam que a gente não tem escolha, não temos como voltar atrás. Não temos como não aceitar que somos a família de Marielle e temos que dar conta disso. Temos sido muito visados negativamente e quando começamos a falar... ‘ah, são os negros, as mulheres nervosas’. O meu pai ainda não caiu nessa, mas eu, minha mãe e Luiara, quando abrimos a boca, dizem ‘chegaram as raivosas’, ‘as pessoas que não são muito bem vistas para estarem aqui’. Temos passado por tudo isso e confesso que é muito difícil.

Raça: Como tem sido a troca com o povo preto?

Anielle: Temos sido bem recebidos. As pessoas abraçam muito a causa. Só que o que acontece hoje, infelizmente, é que nem toda mulher preta me representa. Vivemos num mundo muito difícil onde mesmo pessoas negras se aproximam da causa Marielle vendo um oportunismo. E até identificarmos isso, não é fácil. Não somos figuras da mídia. Marielle estava começando e nós estávamos sempre nos bastidores. Eu revisava texto, escrevia coisas para ela. Era ela na frente das câmeras e a gente aqui. Bate o susto, mas junto vem a força. Você perde o medo. Às vezes meus pais dizem pra eu moderar o modo de falar. Eu não vou manear. Não consigo. Por ela. Tem muita gente que não conseguimos identificar, se estão pro bem ou pro mal, se é oportunismo ou não.

Raça: Quais os conflitos e barreiras que hoje você enfrenta?

Anielle: O uso da imagem da Marielle para fins comerciais. As pessoas usam e não estão nem aí. Usam e dane-se. Há oportunismo por parte de diversas pessoas, principalmente brancas. A Marielle virou uma causa mundial. Mas pra

quem? Quem grita, hoje, ‘Marielle vive’, ‘Marielle presente’? Isso é um problema pra gente. É muito fácil estar aqui, dizendo que está na causa, mas por trás está sacaneando a família, roubando a família ou usando o nome para subir politicamente, midiaticamente, seja lá o que for. Hoje, pra gente, como se não bastasse o ódio das pessoas que não são de Esquerda, que confundem e é aquela coisa, ‘Marielle foi assassinada, foi eleita democraticamente, com mais de quarenta e seis mil votos, mas era preta, bissexual, favelada... ah, não! Essa daí é da família dela’. Como se não bastasse o ódio, que é gratuito com a gente, talvez não tanto com meus pais, mas eu já fui cuspidada na rua, já recebi gritos, fui chamada de feminista de merda, esquerdista de merda, já fui ameaçada on-line por tentar defender a causa das mulheres negras. Quando a gente vai pra porrada pra discutir e falar, é defendendo isso. Talvez se a minha irmã fosse branca, não teria morrido. Pra gente é oportunismo. Pessoas querendo crescer politicamente em cima do nome dela. Midiaticamente, comercialmente. Marielle virou uma marca, uma logo. Tem gente que tenta legitimar o uso do nome Marielle prejudicando outra. Subestimando. Tem gente que não sabe que Marielle tem família, que Luiara existe. Talvez ficarão sabendo a partir destas fotos e desta entrevista.

Raça: De que maneira as pessoas poderão contribuir com o Instituto Marielle Franco?

Anielle: Somando. Estamos procurando várias pessoas que possam nos ajudar. Quando pensamos no Instituto, pensamos no seguinte: Temos uma adolescente, um pai e uma mãe desamparados, que precisam de apoio psicológico, emocional, profissional, apoio de qualquer coisa. E tem uma mãe solo que tem que trabalhar, dar conta da filha e dar conta deles. O Instituto dará conta dessas minorias. A ideia inicial com a Mari era dar formações políticas através da nossa história de vida porque nós somos da Maré, duas mulheres negras que saímos da Maré, mas trilhamos caminhos diferentes de muita gente ali. Eu, como professora, escuto muito minhas alunas negras dizendo que querem ser mulheres de bandidos ou só um contatinho. E não permitíamos isso. Começamos a fazer palestras, falar sobre isso. Eu saí da Maré para jogar vôlei nos Estados Unidos e me formei lá. A minha irmã saiu da Maré e se formou na PUC e chegou a vereadora. Como essas crianças crescem dentro da comunidade? Estamos começando desse ponto. Levar autoestima para as meninas negras das favelas, ter encontros com outras mulheres, principalmente as negras porque é a carne mais barata. Não deveria ser porque somos a maioria, é, ainda é uma maioria minimizada.

Raça: É leviano dizer que ‘Marielle presente’, ‘Marielle vive’, hoje tem um lado demagogo de quem faz uso incorreto disso? E qual seria a solução?

Anielle: Procede. Nossa alternativa é partir pra justiça. Registrar a marca, é assim que chamam, é ter o direito legal disso. É muito difícil pra gente, hoje, ver pessoas de punho cerrado dizendo ‘Marielle



vive, Marielle presente', mas que não têm caráter, que não sabem o que é ser uma mulher negra, não sabem o que é acolher família. Isso é difícil pra gente porque não crescemos assim. E é por isso que digo que a Marielle foi escolhida e foi morta porque ela fazia política diferente. Não tem ainda e não terá, pelo menos pelos próximos anos, quem faça política como a Marielle fazia. As pessoas confundem muito o que é cuidar, o que é a política com afeto. Ela não confundia, era do povo, ela era braços abertos, ia de peito aberto para qualquer lugar e nunca sequer desconfiou que poderia ser assassinada da maneira que foi. Estávamos fazendo planos para a quinta-feira seguinte, viajar no final do ano. Ela não suspeitava disso. É muito duro pra gente enquanto família. Mas vamos lutar contra isso. Eu peço muito que olhem para nós, a família da Marielle Franco. Muita gente está usando o nome dela para se promover. Nunca vimos na história uma mulher negra viver de fama de uma mulher branca assassinada. Mas estamos vendo o contrário hoje. Uma mulher branca vivendo de fama de uma mulher negra assassinada. Existem dois lados, mas as pessoas não querem escutar os dois lados. Quando começamos a falar, muitas vezes somos silenciados pela mídia branca. 'É a parte raivosa! É a parte barbaqueira!' Não. Somos a parte que ninguém quer ouvir. A parte do sangue. Pretendo tocar o Instituto,

cuidar da minha família. Preciso arrumar mais um emprego porque fui mandada embora por ser irmã da Marielle Franco... mesmo sendo formada em Letras e Jornalismo, ninguém quer saber, carrego uma marca: a irmã da Marielle. Temos que correr atrás, não estamos ganhando nada no nosso colo. A gente precisa lutar.

Raça: Anielle Franco entra para a política?

Anielle: Neste momento, não. Eu não sou oportunista. Se eu tivesse que ser, eu teria entrado nas últimas eleições, em outubro de 2018. Marielle estudou para estar ali, ela se preparou. Quero muito fazer política como eu sempre fiz, desde os meus 16 anos, morando fora. Nos Estados Unidos eu já participava de movimento negro, de mulheres negras. É como eu fazia com minha irmã: escrevendo, ajudando, militando. É muito leve para as pessoas falarem 'Ela vem como cogovernadora, coprefeita, vereadora e tal'. Isso eu deixo para os oportunistas. Deixo para as pessoas que querem ganhar fama, ter vida fácil agora. Usar o nome Marielle em vez de ter sua própria carreira e trabalhar. Eu não quero surfar nessa onda, sei que isso um dia quebra. E não só isso. Acho que as pessoas continuam procurando uma substituta pra Marielle. Dizem que pareço com ela, sou a cara dela e devo seguir. Marielle enfrentou muita coisa. Ela chegava em casa chorando muitas vezes. Ela era política mesmo, desde pequena, na brincadeira de queimado na escola, nas brigas em casa, em tudo. Eu faço a minha política, que não é a parlamentar. Acreditava na política com a minha irmã. Eu votei, fiz campanha, fui cabo eleitoral, mas hoje me enoja. Ser candidata porque assassinaram a minha irmã, não é do meu caráter. Contudo, se eu mudar de ideia, será uma opção legítima.

A DOR DOS PAIS, MARINETE E ANTÔNIO

Raça: Um ano depois, como está a vida de vocês?

Marinete: Está muito difícil manter uma rotina. Não teria como ser diferente após um processo tão doloroso e brutal como o que aconteceu com a minha filha. É difícil levantar todos os dias com essa tristeza, essa dor profunda. Uma dor de mãe, como a minha, não é diferente da de outras mães que estão passando pela dor da perda. Mas a minha filha, pela mulher que ela era, pelo planejamento que teve aquela maldade. Houve um mentor, alguém que processou tudo aquilo intelectualmente. Isso é profundo ao coração de qualquer mãe. Isso tudo o que tem acontecido, além de mexer muito com toda a sociedade da maneira que foi, pra gente é muito mais difícil pelo que Marielle representava como filha, como mulher negra. Por toda criação que Marielle teve, o que me orgulha muito. Foi uma história de vida construída com muito sacrifício, muita luta, muita perseverança em todos os sentidos, tanto na criação para dar o básico de uma classe média pobre, somos católicos e acreditamos que não acaba aqui. Na nossa religião, chamamos esse momento que estamos passando de 'deserto'. Parece o infinito. Um pesadelo que não tem como mensurar o que é realmente passar por uma situação dessa. É difícil.

Antônio: Depois do dia 14 de março de 2018 a nossa vida sofreu uma reviravolta muito grande. Depois do assassinato da Marielle, nosso dormir e acordar ficou muito difícil. Com o passar do tempo eu achei que ia melhorar, que poderia diminuir essa dor, essa falta. Faz um ano do assassinato covarde. Tocaiaram uma mulher que tinha sob seu poder apenas bolsa com batom, celular, apetrechos de mulheres, vaidosas como minha filha era. Ela prezava muito aquela beleza negra muito influente. Vivemos um dia após o outro. Sempre, em todos os momentos, todos os dias, sentimos a falta da Marielle. Uma coisa que nunca imaginei foi a capacidade dela chegar a tantas esferas da sociedade. Isso ameniza um pouco a nossa dor, porque pessoas de diversos segmentos têm feito manifestações de muito carinho.

Raça: Ao longo desses 12 meses vocês tiveram prós e contras. O que tem tirado vocês do eixo?

Antônio: O nome de Marielle já está perpetuado. Mas tem seres humanos que primam em tentar difamar. Acredito eu que, por não conhecer a fundo a família e não conhecer a fundo a própria Marielle. Ela sempre primou em defender o próximo. Algumas pessoas que falam algumas palavras querendo manchar o nome de Marielle não têm caráter, escondem-se através de mídias pra falar e tentar denegrir. Mas não vão conseguir



porque a raiz de Marielle é muito profunda e isso não nos abala.

Marinete: Esses ataques que a gente recebe... estamos vendo que o Brasil é o país que mais se mata. Está se vivendo isso no mundo, mas aqui é com incidência muito maior. Minha filha era uma ativista, defensora dos direitos humanos, atuou na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ) por mais de dez anos. Infelizmente há quem não conheça e não queira conhecer o trabalho de Marielle. Quando dizem que minha filha defendia bandidos, é porque não conhecem ela. Marielle lutava pelo ser humano. Fico muito triste pelo desrespeito conosco, a família. Usam a imagem, seja o tempo que for, não temos o que comemorar. Teve muita comemoração, muito prêmio que Marielle recebeu que não fomos sequer comunicados, não estivemos presentes. As coisas não chegam pra gente como deveriam chegar. A Marielle tem essa família que vocês estão vendo aqui. Eu e meu marido temos 40 anos de casamento dentro da Maré. Marielle não chegou naquele parlamento de maneira à toa e nem vulgar. Chegou ali fazendo diferença, fazendo uma política diferente, e mesmo assim não chega de uma maneira qualquer. O trabalho de Marielle não começa naquele parlamento. Ela estava ali há um ano e pouco. O trabalho de base que a minha filha tinha

é muito antigo. Marielle foi professora de pré-vestibular comunitário, foi uma liderança dentro da comunidade, foi catequista por vários anos, trabalhou em orla comunitária, teve toda a criação ali dentro, passando por todos os problemas que a gente enfrenta até hoje. Ela era mestre em Segurança Pública. Não é qualquer pessoa. A tese dela foi toda em cima de UPP. Um tema que foi e continua sendo polêmico. A periferia não aceitou. A votação de Marielle não a elegeu. A votação de Marielle foi feita em outros segmentos, com pessoas de outro nível, não que na Maré não tenha. Lá tem níveis maravilhosos tanto que minha filha sai dali. O que elegeu minha filha foram todas as urnas. Em cada uma havia pelo menos um voto para Marielle. Ela fazia trabalho de base, comício doméstico nas casas das pessoas. Com ou sem o Marcelo Freixo, presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos da Alerj, ela estava dando o recado e dizendo a que veio. Ela chegou com muita legitimidade ali. Minha filha teve 46.502 votos sem ter muito conhecimento. Nós contávamos com 10 mil votos para ela. Isso fez com que ela chegasse com muita garra naquele parlamento. Marielle chegou naquele parlamento branco, num sistema totalmente branco que incomodou. A gente sente em saber que toda essa trajetória de vida, infelizmente a maneira que eles encontraram para calar minha filha foi essa. Até porque ela era uma mulher do diálogo. Se as pessoas que tinham indiferença com ela fossem falar, Marielle resolveria de outra maneira. Quando vejo naquele parlamento um político dizer que Marielle dialogava com todos os partidos, eu vejo que aquela mulher realmente fez a diferença. Com toda a garra e legitimidade.

Raça: Como vive hoje a família de Marielle, emocional e financeiramente?

Antônio: Até pelo lado financeiro Marielle faz falta. Quando ela foi eleita e tomou posse, uma das metas dela era ajudar os pais. E ela nos ajudava. Então, com esse trágico acontecimento, nós ficamos órfãos. A ajuda que Marielle nos dava foi usurpada. Nós continuamos vivendo com as dificuldades de uma família de classe média pra baixo, como nós sempre vivemos, sempre lutamos. Sempre trabalhamos. A minha esposa, apesar de ser formada em Direito, teve época que trabalhou como diarista para que não faltasse nada para a Marielle e a irmã. Essas dificuldades continuam. Mas estamos vivendo.

Raça: Como é cuidar de Luiara?

Marinete: É uma tarefa que requer cuidados. Luiara sai de uma mãe de 38 anos, jovem, uma mãe que não tem nem como classificar, muitas vezes deu uma criação mais rígida que a minha. É toda uma reestruturação de família. Temos 67 anos, é toda uma mudança de vida, de história. A nossa meta hoje, a nossa prioridade é a Luiara. A Anni tem a filha dela, a vida dela. Hoje a gente lida com outra história de vida. Requer cuidado, atenção e dignidade que a Luiara precisa. Não é só aquele corpo físico da mãe dela que se foi. É toda uma história que tem que ser reconstruída. Eu voltei a ser mãe e ele ser pai. Não tem como esse emocional passar. Foi tão tosco, foi tão trágico... Agora é se reerguer, viver um dia após o outro. É fundamental que



a gente tenha fé, é o que nos sustenta. Tenho que estar bem para passar pra ela. Moramos numa casa em que se chora muito, todos os dias. E não tem como ser diferente. Ultrapassa, transborda saber que foi tudo planejado. Imagine a cabeça dessa menina como é que fica. É uma luta para deixá-la bem, construir uma história de vida porque ela merece. Ajudá-la a andar com as próprias pernas não de qualquer maneira, mas de maneira decente. Era isso o que a mãe dela queria pra ela. Quando Marielle se separou, ela era pequena, tinha três anos, ficou na minha casa com Luiara até fazer dez. Até se casar de novo, em 2010. Essa formação de caráter ela teve na minha casa. Tenho muito orgulho em falar isso. Ela saiu lá de casa com todo o discernimento do que é certo ou errado. Agora ela volta, quando aconteceu tinha acabado de fazer 19 anos, é toda uma história que vai se reconstruir como família, como tudo o que a gente tem para oferecer pra que ela siga a vida dela. A gente não esperava por

isso. É um processo lento, de muita dor. Tem dia que não dá vontade de levantar. Mas somos uma família de mulheres fortes, mulheres que fazem a diferença. Temos um histórico de superação. Precisamos continuar por ela e por todos nós.

Antônio: Dos quatro membros de nossa família, a Luiara foi quem mais sentiu. Foi muito atingida, preocupa-nos muito a situação dela. Uma jovem que muitas vezes se tranca no quarto, em algumas ocasiões a gente a encontra chorando. Ela perde a mãe aos 19 anos. Se para nós está sendo muito doído, às vezes quero me colocar no lugar de Luiara pra dimensionar a dor que ela sente. Pra mim foi e continua sendo difícil. Não sei até quando vamos ficar com essa dor. Eu sei que é utopia. Penso naquele sorriso lindo dela e acho que não aconteceu. Eu sei que aconteceu, mas não quero acreditar. Infelizmente aconteceu e continuamos sem entender. A minha filha não merecia o que aconteceu com ela.

CRÉDITOS

FIGURINO ISSAC NEVES

CABELOS: MAURÍCIO SOARES

MAKE: VANESSA LEMOS

AGRADECIMENTOS: BELEZA X E CENTRO DE ARTES CALOUSTE GULBENKIAN



OUTROS CRIMES CONTRA NEGROS SEM RESPOSTA



JULIANE – SP

Em 06 de agosto de 2018, o corpo da policial militar Juliane dos Santos Duarte, de 27 anos, foi encontrado carbonizado no porta-malas de um veículo, em Jurubatuba, na Zona Sul, de São Paulo. Ela havia sido raptada por criminosos na comunidade de Paraisópolis, cinco dias antes.

Testemunhas contaram que ela foi levada por bandidos encapuzados de dentro de um bar, após se identificar como policial para tentar recuperar um celular que teria sido roubado. Ainda segundo pessoas que estavam no local, Juliane levou dois tiros antes de ser raptada pelos criminosos. No mesmo dia, a moto da policial foi encontrada no bairro de Pinheiros, na Zona Oeste de São Paulo, após uma denúncia anônima.

Dois suspeitos foram presos temporariamente.

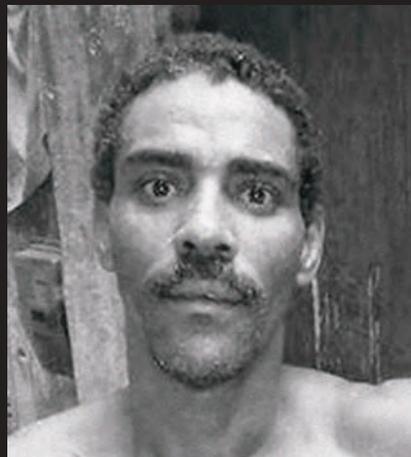
Jovem, negra, lésbica e moradora da periferia (de São Bernardo do Campo, Grande São Paulo), Juliane teve o caso comparado ao da vereadora carioca Marielle Franco. Apesar das comparações, acredita-se que ela morreu por ser policial.

AMARILDO - RJ

Julho de 2013. O pedreiro Amarildo Dias de Souza, morador da Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, desapareceu depois de ser levado por policiais militares à sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) local para prestar esclarecimentos. A família registrou o desaparecimento dele dois dias depois. Em outubro, após três meses de investigações, o Ministério Público denunciou 25 policiais militares pela morte de Amarildo. Treze tiveram prisão decretada. O julgamento começou em fevereiro de 2014 e ainda não foi concluído.

O caso mobilizou a sociedade civil que se organizou em apoio à família. Moradores da Rocinha promoveram atos cobrando do governo uma solução para o caso. A história de Amarildo de Souza ganhou repercussão internacional e tornou-se símbolo de casos de abuso e violência policiais.

Em setembro do ano passado, os desembargadores da 7ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Rio condenaram o soldado da Polícia Militar (PM) Bruno Medeiros Athanasio a uma pena de 4 anos de reclusão, em regime aberto, pela participação no plano de corromper duas testemunhas que prestariam depoimento no caso. Os acusados ofereceram R\$ 850 em dinheiro e o aluguel de uma casa fora da comunidade da Rocinha para uma moradora, a fim de que ela prestasse depoimento fictício sobre os inquiridos da Polícia Militar e da Divisão de Homicídios da Polícia Civil que buscavam apurar o envolvimento de policiais militares no desaparecimento de Amarildo Dias de Souza.



CLAUDIA – RJ

Negra, mãe de quatro filhos, auxiliar de serviços gerais, moradora de uma comunidade carente. Em 16 de março de 2014, por volta das 9h, uma viatura do 9º BPM (Rocha Miranda), no subúrbio do Rio de Janeiro, descia a Estrada Intendente Magalhães, com o porta-malas aberto. Pendurado no para-choque do veículo apenas por um pedaço de roupa, o corpo de Claudia Silva Ferreira, então com 38 anos, foi arrastado por cerca de 250 metros, batendo contra o asfalto conforme o veículo fazia ultrapassagens. Apesar de alertados por pedestres e motoristas, os PMs não pararam. Um cinegrafista amador que passava pelo local registrou a cena num vídeo.

Claudia fora baleada durante uma troca de tiros entre policiais do 9º BPM e traficantes do Morro da Congonha, em Madureira, enquanto ia comprar pão. Em depoimento à Polícia Civil, os PMs disseram que a socorreram ainda com vida, e a levaram para o Hospital Carlos Chagas, em Marechal Hermes, mas ela não resistiu. Já a Secretaria Estadual de Saúde informou que a paciente já chegou à unidade morta. Claudia levou um tiro no pescoço e outro nas costas.

Dois dos policiais militares acusados do homicídio de Claudia ainda não foram julgados, seguem trabalhando normalmente e, desde março de 2014, quando o crime aconteceu, já se envolveram, juntos, em outras oito mortes durante operações — todas registradas como homicídios decorrentes de intervenção policial, os autos de resistência. Um deles, que à época era tenente, foi promovido após o assassinato de Claudia e atualmente é capitão. Os dois foram indiciados pela Polícia Civil pela morte de Claudia em julho de 2014. A denúncia contra os dois por homicídio doloso só foi recebida pela Justiça em março de 2015. Desde então, o processo corre na 3ª Vara Criminal. Os policiais sequer foram pronunciados.



FOTO: DIVULGAÇÃO

Amarildo Nogueira
www.amarildonogueira.com.br

CONTINUIDADE É O QUE NOS FAZ CRESCER

Dar continuidade nas atividades que realizamos em nossas vidas é o que determina o Sucesso ou Fracasso do que desejamos concretizar. Para que possamos compreender melhor, proponho uma reflexão sobre as seguintes questões:

- Dou continuidade minhas tarefas diárias de forma organizada?
- Você tem dificuldade em dar continuidade no que precisa fazer?
- Você acredita que é importante darmos continuidade naquilo que iniciamos?
- O que você pode fazer para ser uma pessoa que trabalha de forma contínua?

A dificuldade em dar continuidade, no que nós iniciamos, está dentro de nós. Para ilustrar essa dificuldade, vamos tomar como exemplo os planos que fazemos no início do ano, como: emagrecer, fazer exercícios físicos, fazer um curso de línguas, ler mais livros, guardar dinheiro, etc. No início estamos estimulados e estes estímulos nos proporcionam uma grande motivação, para realizarmos as atividades que nos proporcionará alcançar nossos objetivos, mas o que ocorre com frequência é que a grande parte desiste quando encontra o primeiro obstáculo.

Para muitas pessoas, essa característica da falta de comprometimento em dar continuidade, não tem a menor importância; pois elas não estão buscando a evolução e crescimento em suas vidas pessoais e profissionais e tanto faz começar,

parar, não terminar e começar de novo. Sinto em lhes dizer que aqueles que possuem este tipo de comportamento dificilmente alcançarão o sucesso em suas atividades!

Após vários estudos e aprendizados em minha vida profissional, destaco as boas práticas para aqueles que desejam ser assertivos e sempre agir de forma a proporcionar CONTINUIDADE no que faz:

- Definir um responsável e metas, quando se tratar de uma equipe;
- Acompanhar e direcionar o que deve ser realizado (Gestor);
- Criar uma rotina de Trabalho;
- Ter persistência;
- Não procrastinar;
- Controlar e concretizar as metas estabelecidas;
- Assumir a responsabilidade;
- Realinhar para melhorar e otimizar o processo/atividade.

A continuidade deve estar presente em nossas vidas. Quem tem continuidade, obtém os melhores resultados e desfruta de um dos sentimentos mais gratificantes que o ser humano pode experimentar: o sentimento de satisfação e realização das suas próprias capacidades e habilidades!

Lembre-se **“Só é Duradouro o que se Renova Todos os Dias!”**

Grande abraço e sucesso!



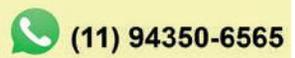
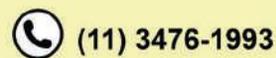
SE SUA EMPRESA BUSCA...

BBRAND AWARENESS: reforçar sua marca para a população afro-brasileira (113 milhões de pessoas...)

DIVERSIDADE E EQUIDADE: racial, social e de gênero

EMPLOYER BRAND: incluir ou manter a sua empresa entre "as melhores para se trabalhar" no que diz respeito à diversidade

Venha fazer parte do Grupo Raça!



NOVELA DESTACA ATORES NEGROS EM NÚCLEOS NÃO ESTIGMATIZADOS

por FLAVIA CIRINO



O CLIMA SAUDOSISTA NA NOVELA VERÃO 90, EXIBIDA NA GLOBO NA FAIXA DAS 19H, TRAZ UMA GRATA SURPRESA, MUITO ALÉM DAS LEMBRANÇAS DE UM TEMPO QUE NÃO VOLTA MAIS: A PRESENÇA DE ATORES NEGROS NA TRAMA ESCRITA POR IZABEL DE OLIVEIRA E PAULA AMARAL.

Do novato Orlando Caldeira – veterano no teatro, mas estreante na TV – ao experiente Val Perré, a história destaca Sérgio Malheiros, Jeniffer Nascimento, Ícaro Silva, Dandara Mariana e a caçulinha Alana Cabral.

O convite para atuar na novela logo chamou a atenção de Jeniffer Nascimento quando ela entendeu o perfil de sua personagem.

“Essa foi a única vez que fui pensada além do estereótipo. A minha trajetória na casa é muito boa. Comecei como a Sol em Malhação, que, apesar de muito legal, era uma filha de empregada, que limpava a casa. Depois fiz a Dita, em Éta Mundo Bom, que por ser uma novela de época, ela era uma criada, empregada da casa. Depois eu fui convidada para a novela Pega-Pega, fiz uma camareira e graças ao meu trabalho a personagem cresceu. É um espaço que venho galgando há muito tempo, com muita dedicação. Comecei a estudar com cinco anos de idade, para ter uma oportunidade aos 19 e ser convidada para um papel além do estereótipo aos 25. As conquistas vêm a longo prazo, mas é muito gratificante quando elas chegam, a gente luta pra isso. Faço um personagem que não estava escrito na sinopse que precisava ser uma atriz negra ou que tinha uma realidade submissa. Fiquei muito feliz de terem pensado em mim como atriz, pelo meu trabalho e minha competência. Tem que ir além do estereótipo. Esse tem que ser o normal, isso tem que acontecer. As pessoas não podem pensar no negro só quando precisam preencher um espaço. Somos todos atores, temos as mesmas formações, então, na hora da escalação, temos que ser pensados da mesma forma.”

Ativista e defensor da presença de personagens negros na televisão, no teatro e internet, Orlando Caldeira conquistou seu primeiro papel de destaque, após breves aparições nas novelas Boogie Oogie (2014) e I Love Paraisópolis (2015). Integrante do Coletivo Preto, ele chega à TV como o personagem Catraca.

“Faço teatro há 15 anos, é a minha zona de conforto. A TV sempre foi um sonho e fui muito bem recebido não só pelos irmãos, mas por todo



o elenco. A gente sempre está junto numa caminhada fora da novela, nos encontros negros, no movimento, seja criando conteúdo voltado para o nosso público ou discutindo algum conceito, ou seja, a gente já vem caminhando fora da novela e aqui é um reencontro.”

Na trama, Catraca é o fiel companheiro de Diego, interpretado por Sergio Malheiros. Com 14 anos de experiência na teledramaturgia, o ator de 25 anos interpreta um jovem negro de origem humilde, que faz par romântico com Marina Moschen, uma patricinha branca. Além do romance, a trama dos dois levanta muitas bandeiras importantes da representatividade. Diego, seu personagem, é um surfista que se forma em Direito, disposto a defender a causa dos negros. Para Malheiros, é preciso criar o hábito de se ver representado nas novelas para que isso não seja encarado como diferencial.

“A representatividade negra é fundamental. Se eu não me vejo, não existo. Os jovens precisam dessa referência para saberem que é possível chegar lá. Ainda não é o cenário ideal e tem muita coisa para mudar, mas estamos no caminho. Hoje atores negros têm mais variedade de papéis, fugindo do estereótipo que sempre nos colocavam. Numa sociedade capitalista, a nossa maior forma de protestar é a compra. É muito importante a gente tentar fomentar



a indústria desde o lugar onde você corta o cabelo até consumir produtos que são anunciados por negros, seguir influências; enfim, todo o seu consumo de conteúdo deve estar pensado em como, de certa forma, você poder consumir produtos que tenham uma ideologia parecida.”

Ícaro Silva, que interpreta o cantor de lambada Ticiano, reitera:

“A presença de atores negros nas novelas é desproporcional em relação ao que a população brasileira, de fato, vive. Acho que isso vai mudar no momento em que tiver mais criadores negros. Por isso, o meu apelo, o meu caminho, a minha pesquisa, é no sentido de encontrar e fomentar a criação negra. Na televisão, por mais que sejamos vários aqui hoje, ainda somos um número menor, ainda estamos muito aquém na proporcionalidade da nossa representação.”

Em sua terceira novela na Globo, Dandara Mariana enfatiza a força de sua personagem, uma professora de lambada:

“Ainda somos poucas. Somos muitas mulheres negras, somos mais de 50% da população e ainda falta muita representatividade, mas estou aqui para representá-las. Farei isso com muita garra e afinho.”

“Eu fico muito feliz quando me reconheço. Acho que esse ainda não é o normal, que seria justamente ter mais negros e não apenas quantidades específicas”, completa Jennifer Nascimento.

Sérgio Malheiros preconiza:

“Somos poucos, né? Antigamente a gente só queria andar na favela e ser feliz. Agora a gente também quer tocar na sua rádio, a gente quer ser protagonista da sua série, acostumem-se.”

“O mundo está muito racista”

Alana tem apenas 11 anos de idade. Mas já sabe exatamente discursar sobre racismo e preconceito. A graciosa atriz, que estreia na TV orgulhosa de sua pele e seu cabelo, dá uma verdadeira lição.

“O negro poderia aparecer muito mais na televisão, é um reconhecimento muito forte, tem várias pessoas que não dão bola pra isso e não veem como o preconceito racial ainda é grande no Brasil, mesmo não tendo tanto quanto antigamente. Na minha casa todo mundo respeita todo mundo. Eu aprendi muito com meus pais e quando eu descobri que queria ser atriz, confesso que fiquei com um pouquinho de medo porque esse mundo está muito racista. Minhas amiguinhas da escola tinham cabelo liso e falavam que o meu era feio.”

Sem papas na língua, certa vez Alana espontaneamente se impôs:

“Um dia, uma me perguntou: ‘Alana, porque o seu cabelo é assim?’, e fez uma careta. Pensei um pouco... respondi: ‘Ah, não sei! Morre e pergunta pra Deus. Depois você vem falar comigo’. Eu era tão pequenininha e já vivia isso, uma criança já vivia o preconceito, imagine hoje, está muito mais forte. Isso uma coisa muito feia.”

A jovem atriz, agora, serve de inspiração para as amigas.

“Estou muito orgulhosa de mim. Muitas meninas nos testes que eu já fui ficavam tristes por não ter o cabelo liso ou por não ter autoconfiança. Cada um tem seu momento e não adianta, se for pra ser, vai ser. Minhas amigas agora também se inspiram em mim.”



Édio Silva Jr.

CASO MARIELLE DEVE SER TRANSFERIDO PARA A JUSTIÇA FEDERAL

Trancorrido um ano do assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson Gomes, sem solução ou respostas, salta aos olhos a necessidade de transferência das investigações para o âmbito da Justiça Federal.

A Constituição Federal prevê textualmente a denominada federalização dos crimes de grave violação dos direitos humanos, especialmente quando se torna evidente a incapacidade de resposta por parte das autoridades estaduais.

Num dos raros casos de federalização de crimes de violação dos direitos humanos, o Superior Tribunal de Justiça entendeu que o assassinato de um promotor de justiça de Pernambuco, inseria-se no “contexto de grupos de extermínio”.

Em que contexto se insere o assassinato de Marielle Franco?

Antes de respondermos essa indagação, precisamos lembrar que a biografia, as circunstâncias, a dinâmica e o modo de execução do assassinato de Marielle apresentam características que não deixam dúvidas quanto aos motivos e prováveis autores do crime.

A arma utilizada, uma submetralhadora marca HK, modelo MP5, é de uso restrito das forças policiais e raramente é encontrada com delinquentes comuns, sendo que anos atrás armamentos desse tipo foram furtados do arsenal da Polícia Civil do Rio de Janeiro.

A munição, calibre 9 mm., pertenceria a um lote comprado há anos pela Polícia Federal e roubada de uma agência dos Correios da Paraíba, em 2017.

Dias antes do assassinato de Marielle, as câmeras instaladas pela Prefeitura do Rio de Janeiro na Rua Joaquim Palhares e adjacências, no bairro do Estácio, região central do Rio, foram cuidadosamente desligadas.

Segundo consta, Marielle estaria sendo monitorada pelos seus algozes havia dias e, naquele fatídico 14 de março, por volta de 21:30 h., o automóvel em que se encontrava juntamente com o motorista e uma assessora, foi emparelhado por um veículo clonado, com auxílio de um segundo veículo.

Marielle foi alvejada quatro vezes na cabeça e Anderson Gomes levou três tiros nas costas, não tendo sido furtado qualquer pertence dela própria ou de seus auxiliares.

Tratou-se, à evidência, de uma execução, minuciosamente planejada e praticada por pessoas treinadas, articuladas e com indisfarçável apoio logístico. Transcorrido um ano sem solução, as famílias de Marielle Franco e de Anderson Gomes e os segmentos democráticos devem somar esforços para que as investigações sejam transferidas para a Justiça Federal.

Os recursos humanos, tecnológicos, o profissionalismo e sobretudo a isenção e independência da Polícia Federal serão essenciais para a prisão e punição exemplar dos executores e autores intelectuais desse crime.

Mas também precisamos lembrar que segundo o Atlas da Violência no Brasil, produzido pelo IPEA e Fórum Nacional de Segurança Pública, no ano de 2016 foram assassinadas 62.517 pessoas no Brasil, jovens negros em sua grande maioria.

A título de comparação, a Guerra do Vietnã ceifou a vida de 58 mil soldados norte-americanos num período de vinte anos, menos do que o Brasil mata em um único ano. Países devastados por guerras, como a Síria, Iraque, Afeganistão, Líbia, Israel e Palestina, têm taxas de homicídios inferiores às nossas.

Por aqui, cerca de 60% das vítimas de assassinato são jovens negros, com idade entre 15 e 19 anos, não raro executados por maus policiais.

O caso Marielle Franco insere-se, portanto, no contexto do genocídio da juventude negra no Brasil, uma razão a mais para reivindicarmos a federalização das investigações sobre seu assassinato.

ÉDIO SILVA JR., Advogado, Mestre e Doutor em Direito pela PUC-SP, é Coordenador Executivo do IDAFRO – Instituto de Defesa dos Direitos das Religiões Afro-Brasileiras

Representatividade e empoderamento nos DESENHOS ANIMADOS

por FLAVIA CIRIN

UMA DAS GRANDES PREOCUPAÇÕES – NÃO É DE HOJE – DA FAMÍLIA MODERNA É QUANTO AO CONTEÚDO QUE CRIANÇAS CONSUMEM DIARIAMENTE, SEJA NA TV OU NA WEB. PARA ESPANTO DOS ADULTOS, A CADA GERAÇÃO, QUANTO MAIS NOVA, MAIS DOMÍNIO A CRIANÇA TEM SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS.

QUEM AINDA NÃO SE ESPANTOU COM UM BEBÊ – SIM, BEBÊ, ANTES DE COMPLETAR UM ANINHO – DESLIZANDO O DEDO SOBRE UM SMARTPHONE OU EMPUNHANDO UM CONTROLE REMOTO? BRINCAR AO AR LIVRE SERÁ SEMPRE O MAIS SAUDÁVEL, APESAR DAS RESTRIÇÕES QUE A VIOLÊNCIA NOS IMPÕE. LISTAMOS ALGUMAS OPÇÕES PARA QUE SEU PEQUENO SE APROXIME DO PROTAGONISMO NEGRO, COM DESENHOS ANIMADOS EDUCATIVOS NOS QUAIS ELES POSSAM SE SENTIR REPRESENTADOS. AS ANIMAÇÕES ESTÃO DISPONÍVEIS EM ALGUNS CANAIS POR ASSINATURA, ALÉM DO YOUTUBE E NO NETFLIX.

MILLY E MOLLY

Duas amigas de oito anos, uma negra e outra branca, protagonizam aventuras, mostram o valor da amizade e discutem assuntos sobre a vivência infantil, fase em que sentimentos e problemas aparecem pela primeira vez. Exibido no canal fechado Discovery Kids.

BINO E FINO

Cada vez mais popular na Nigéria, Bino e Fino fala sobre dois irmãos gêmeos que vivem na África subsaariana e ao lado da amiga, a borboleta Zeena, a cada dia descobrem aspectos diferentes sobre o mundo, a vida e a história do continente. Uma nova possibilidade para o ensino de uma educação global concentrada na África.





SOS FADA MANU

Exibida na TV Brasil e no canal fechado Gloob, a animação brasileira conta a história de Manu, uma aprendiz de fada madrinha de 10 anos que vive sob orientação de sua avó, uma experiente fada aposentada, no reino encantado. Sua varinha mágica é um guarda-chuva, e com ele Manu terá de aprender a estudar magia, realizar desejos e enfrentar a bruxa Valquíria que sempre tentar dominar o reino com algum plano mirabolante. Manu conta com a ajuda do sapo Duque e do atrapalhado João em suas desastrosas aventuras.

DOUTORA BRINQUEDOS

Exibida desde 2012 nos canais por assinatura Disney Channel e Disney Junior, a série destaca uma menina de seis anos chamada Dottie “Doc” McStuffins (no Brasil e em Portugal: “Doutora”) que, um dia, decide que quer se tornar uma médica como a mãe. Ela finge ser uma médica, consertando brinquedos e bonecas. Quando coloca seu estetoscópio, brinquedos, bonecas, bichos de pelúcia magicamente ganham vida e ela pode se comunicar com eles. Com uma pequena ajuda de seus amigos animais de pelúcia - Felpudo, Hallie, Lambie e Gelinho - Doc ajuda brinquedos “a se sentirem melhores”, diagnosticando os seus problemas, com “O Grande Livro dos Dodóis”. Cada episódio de 11 minutos.

GUILHERMINA E CANDELÁRIO

Exibida no Canal Brasil, a série mostra o cotidiano dos dois irmãos, cuja capacidade de sonhar transforma cada dia em aventura. A cada dia, eles esperam ansiosamente a chegada do Vô Faustino, a quem contam suas aventuras. O avô desfruta das histórias narradas pelos netos e compartilha sua experiência de vida e sabedoria. A animação é um dos primeiros desenhos do gênero com protagonistas negros a ser exibido na TV aberta brasileira.



GAROTA SUPERSÁBIA

Rita Bastos parece apenas mais uma delicada menina, mas esconde uma identidade secreta muito aventureira e inteligente. Como a Garota Supersábia, ela pode entortar ferros e voar na velocidade do som. Mas ela também luta pela verdade, pela justiça e pelo uso correto das palavras. A cada episódio da série, quatro novas palavras são introduzidas no vocabulário, as quais se repetem em diferentes contextos. Na história, Rita é a filha adotiva de um casal que a encontra, ainda criança, na porta de sua casa, lendo o jornal. Aos dois anos, ela já conhecia todas as palavras do dicionário e já gostava de fazer palavras cruzadas. Vinda do planeta Léxico, ela chegou à Terra depois que sua nave se chocou. O único que conhece seu segredo é o macaco Capitão Caretas, que veio com ela do planeta Léxico e, criado como o mascote da família Bastos, na maioria do tempo é confundido com um cachorro. Exibido no canal fechado Discovery Kids.





Vermelho

Atemporal, ele tem o poder de deixar qualquer produção mais elegante e glamourosa, dando aquele ar de sensualidade e sofisticação simples, mas absolutamente marcante. Como a maioria das mulheres negras tem boca volumosa e naturalmente *sexy*, a dica geral é investir nos acabamentos, opaco, *matte* e fosco, que são mais fáceis de combinar e dão uma elegância a mais ao *look*. O vermelho fica muito bem para ocasiões especiais e até mesmo para o dia a dia.

QUAL É A COR DE BATOM IDEAL PARA VOCÊ?

por FERNANDO COSTA | fotos CASSIO TASSI

AS OPÇÕES DE CORES DOS BATONS SE RENOVAM A CADA ESTAÇÃO E TORNAM O PRODUTO IRRESISTÍVEL PARA AS MULHERES QUE GOSTAM DE MAQUIAGEM, MAS PARA TER UMA MAKE PERFEITA, COM LÁBIOS BONITOS E ATRAENTES, É PRECISO ESCOLHER BEM A COR DO BATOM. PENSANDO NISSO A MAQUIADORA DA AGÊNCIA DE MODELOS TESS MODELS DÁ ALGUMAS DICAS PARA VOCÊ ARRASAR. CONFIRA!



Nudes

Nudes, sim! O batom *nude* é ótimo para todas as ocasiões. Se você gosta de uma maquiagem mais discreta essa é a sua cor. É ideal para eventos no período da tarde ou para quem quer dar um ar mais romântico e discreto ao *look*. Os *nudes* amarronzados e corais são os mais recomendados. Dica: Abuse da textura *gloss* para dar um charme no make.



Vinho

O batom vinho é uma das maiores tendências de maquiagem. Quem pensa que o tom é aposta apenas para os *looks* de inverno, engana-se: saiba que as tonalidades dessa cor têm se tornado queridinhas para as estações mais quentes também.



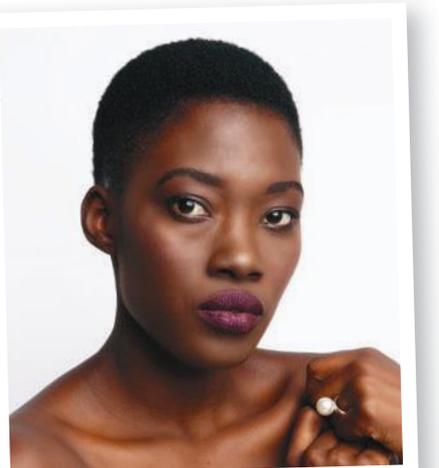
Marrom

Marrom pode? Claro que pode! O batom marrom transita com variações que vão das mais claras até as mais escuras. O ideal para a pele negra são os tons de marrom com fundo vinho. É o que tem o melhor efeito. Isso acontece pelo contraste que acontece entre o tom de pele e a variação do marrom, realçando a *make* dos lábios.



Bordô

O batom bordô é ideal para as mulheres que acham que o batom vermelho é muito para o seu visual. É um vermelho arroxeadado, só que mais escuro. Ele dá um efeito de lábios menores.



Roxo

Combina com o inverno, dá um ar chique e é ideal para eventos noturnos. Ele é perfeito para a pele negra. Os tons metálicos estarão em alta neste ano. Invista em tons de roxo escuros e fechados.

Dicas importantes:

1. A forma de passar o batom é muito particular, mas para a maquiadora Isabelle Freitas, o ideal é começar passando o produto pelos lábios inferiores, fazendo o contorno da boca, e depois preencher o centro.
2. O uso do hidratante labial ou *primer* labial faz com que o batom dure mais tempo nos lábios.
3. Para pele madura a textura do batom ideal é a líquida.

CRÉDITOS

MAQUIAGEM: ISABELLE FREITAS
ASSISTENTE DE MAQUIAGEM: ROYCE BEENSON
TRATAMENTO DE IMAGEM: VINÍCIUS HAWK
MODELOS: AGÊNCIA DE MODELOS TESS MODELS (WWW.TESSMODELS.COM.BR)
PRODUÇÃO EXECUTIVA: PAULO HENRIQUE ALBUQUERQUE E CLÁUDIA ZANONI/YBRASIL
COORDENAÇÃO GERAL: FELIPE MONTEIRO



ANUNCIEIS TRAVEL DADIE

por CAROL BARRETO | fotos JUH ALMEIDA

MARÇO É O MÊS DE QUAIS MULHERES? COMO MULHERES NEGRAS, SEMPRE NOS FAZEMOS ESTA PERGUNTA, POIS O DIA INTERNACIONAL DA MULHER SEMPRE FOI COMEMORADO COMO UMA CONQUISTA DE APENAS UMA PARTE DA HISTÓRIA, AQUELA CONTADA POR PESSOAS BRANCAS. DEVEMOS LEMBRAR QUE UM CONJUNTO DE FATOS HISTÓRICOS RELACIONADOS ÀS LUTAS PELOS DIREITOS SOCIAIS E POLÍTICOS DAS MULHERES, TEM UM MARCO QUE SE DÁ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO 19, PARA AS MULHERES BRANCAS. NO ENTANTO, ANTES DISSO, ENTRE OS SÉCULOS 16 E 19, MUITAS LUTAS FORAM PROTAGONIZADAS POR MULHERES NEGRAS, MAS ATÉ HOJE ESSA TRAJETÓRIA É INVISIBILIZADA, ASSIM COMO AS NOSSAS DEMANDAS NA ATUALIDADE, QUANDO AINDA VIVENCIAMOS A PERMANÊNCIA DE UMA EXISTÊNCIA SUBALTERNA.



Além de outros fatores de interseccionalidade, a conexão entre o racismo e o sexismo limitam as oportunidades, afetam a nossa subjetividade, assim como nos coloca no topo numérico de mortalidade. Por isso, tão importante quanto a data de 08 de março ou 25 de julho, na mesma medida será o dia 14 de março, que no calendário oficial do Rio de Janeiro está marcado como o Dia Marielle Franco, dia de Luta contra o Genocídio da Mulher Negra.

No Brasil, a nossa luta está bem distante de acabar, mas começamos a construí-la sob outros moldes. Uma tomada de consciência que algumas de nós reavivamos quando em contato com os traços da nossa ancestralidade, nos faz lembrar de uma força que

resiste por meio da beleza da espiritualidade, da alegria e do bem viver. Por isso, trago aqui como celebração dessa memória, o trabalho intitulado “Ancestralidade”, assinado por Juh Almeida, que convida três gerações - avó, mãe e filha - como retrato dessa memória que resiste com leveza.

Juh Almeida declara que sua vida e obra estão sempre em harmonia. Como realizadora audiovisual, graduada no Bacharelado Interdisciplinar em Artes com concentração em Cinema, na Universidade Federal da Bahia, a artista se vê conectada a toda atividade humana ligada às manifestações de ordem estética e comunicativa.

Para Juh Almeida, a série fotográfica “Ancestralidade” trata de memória e afeto como retratos de busca: “- É olhar para dentro, olhar para os antigos, para entender e construir nossa identidade hoje. Ancestralidade é onde tudo começa, é o lugar em que se compreende o individual e o coletivo. Quando ouvimos as mais velhas nos fortalecemos e a partir daí se inicia o processo de resistência. Buscando o nosso lugar de identificação com o passado, compreendemos o presente no tempo e no espaço, quer seja físico ou imaginário e percebemos como a memória é um



FICHA TÉCNICA

SÉRIE FOTOGRÁFICA: Ancestralidade

FOTOGRAFIA: Juh Almeida /

@juh_fotografia

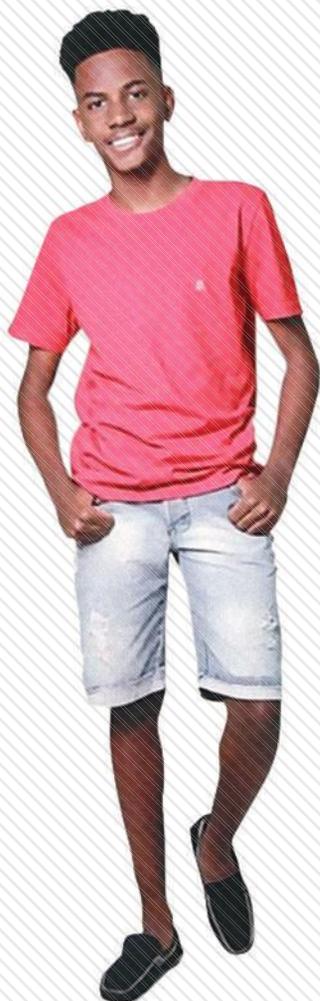
FOTOGRAFADAS: Annie Ganzala,
Lila Raio de Sol e Dona Lina

APOIO: Ajeum da Diáspora e Jóia
dos Orixás

processo indissociável da nossa construção, pois é através dela que nos vinculamos às nossas narrativas, que, contadas pela boca das mais velhas, possibilita nos reafirmarmos e escrevermos com presença ativa nossa história e assim idealizar o futuro”.

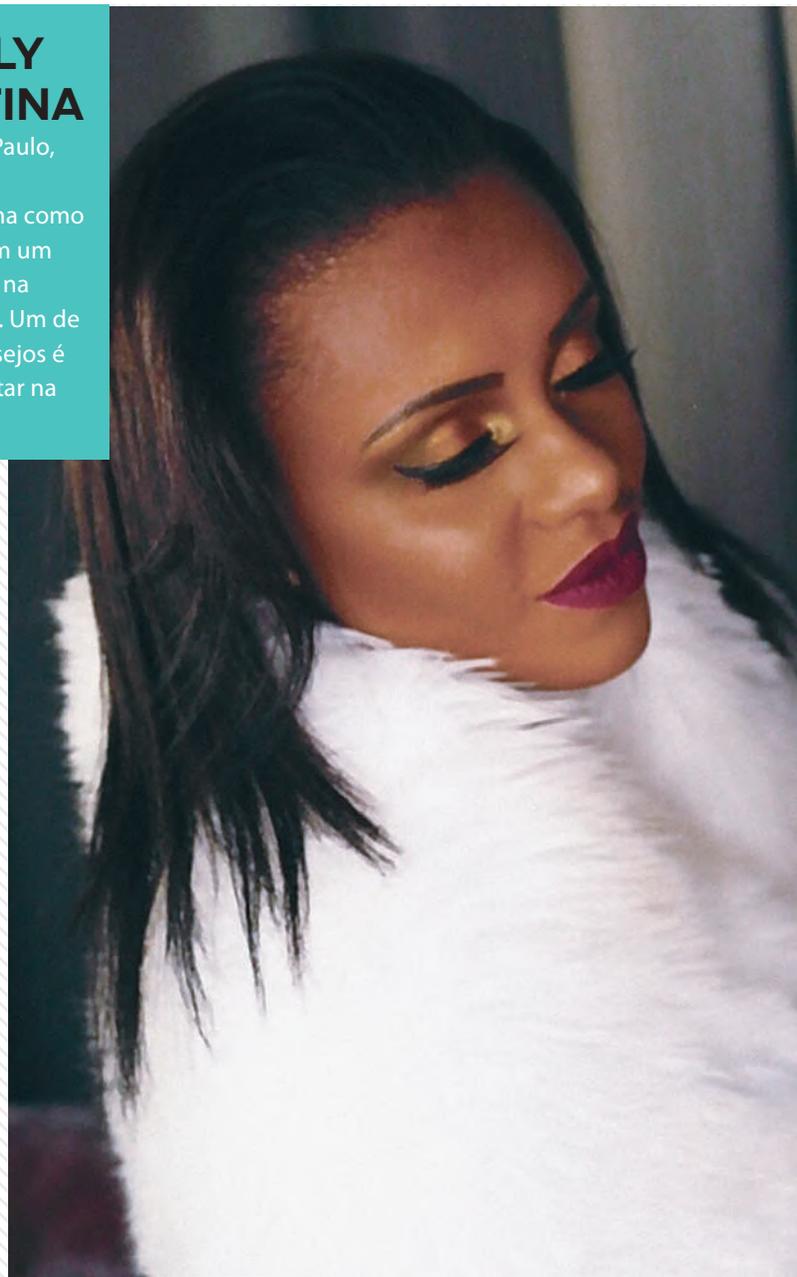
Convido vocês a celebrar o mês de março com a beleza e a força dessas imagens, almejando desenhar um futuro onde todas as mulheres, tratadas à medida de suas diferenças, possamos ser vistas como parte integrante da humanidade!





NATHALY CHRISTINA

Natural de São Paulo, capital, Nathaly Christina trabalha como recepcionista em um posto de saúde, na parte da manhã. Um de seis grandes desejos é ser modelo e estar na revista RAÇA



KAWÊH JONATHAN

Ele tem 15 anos e o sonho de um dia ser um modelo de sucesso. Kawêh já participou de desfiles de moda, algumas vezes sem retorno financeiro, o que seria muito importante para ajudar no sustento da família. O que ele mais quer é o reconhecimento.



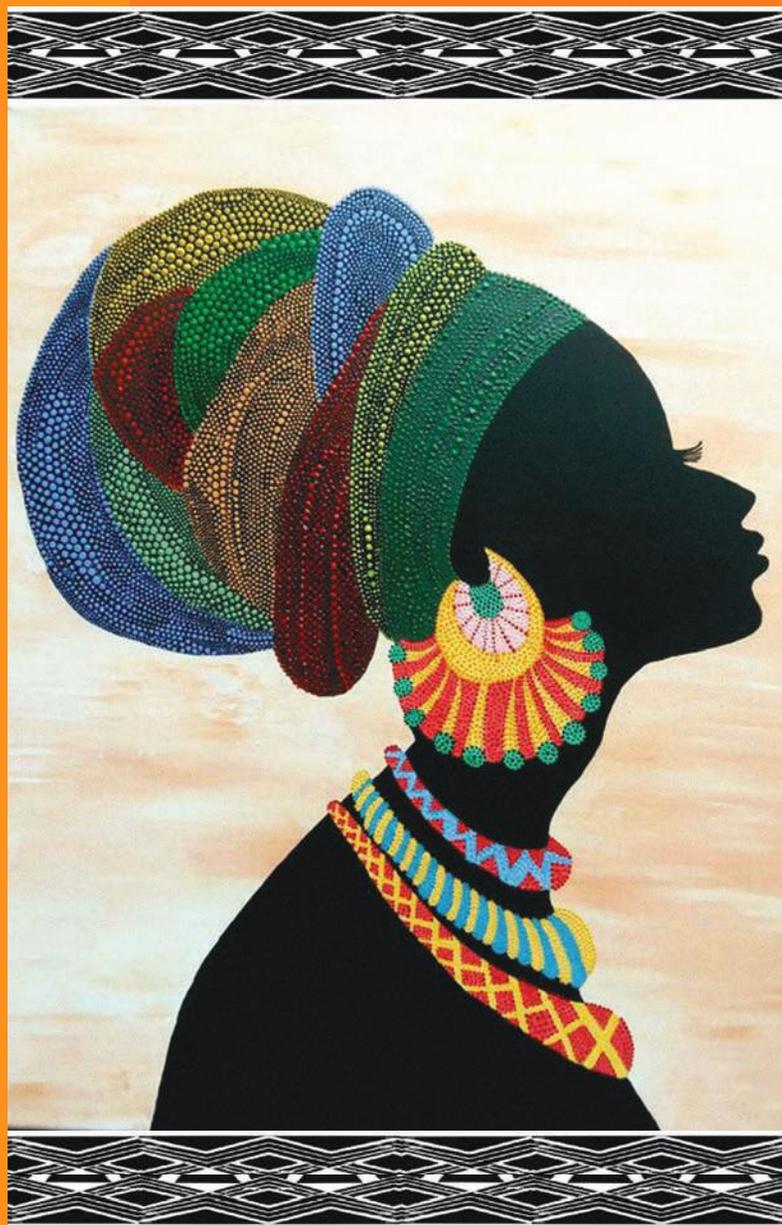
ELIS REGINA MAGALHÃES

Determinada e sempre em busca da realizaxao de seus sonhos, Elis Regina realiza um deles ao ter sua foto publicada na revista RAÇA. Aos 45 anos, ela quer ser cada vez mais feliz!



FLAVIA FARIA

Uma mulher negra que aprendeu a ser empoderada, empreendedora e capaz. Assim a mineira Flavia Faria se define. Aos 36 anos, ela mora em São Paulo. Tem uma loja virtual de semi jóias e trabalha como gerente de um software de gestão hospitalar. A loja virtual foi uma oportunidade que teve de ter seu próprio negócio.



MARÇO. MÊS DA MULHER

Pode ser o mês ideal para fazer um balanço

MATAR UM LEÃO POR DIA PARECE NÃO SER SUFICIENTE. É PRECISO VENCER OS OBSTÁCULOS, SER FORTE, COMPREENSIVA, SUSTENTAR A FAMÍLIA, GARANTIR O BEM-ESTAR DE TODOS E TODAS, LIDAR COM A SOLIDÃO COM MATURIDADE, DEIXAR O MI MI MI DE LADO E AINDA SER BONITA, ATRAENTE E ELEGANTE.

Que mulher nunca se viu diante dessas situações ou se sentiu pressionada para ser exatamente isso? Uma guerreira imbatível, perfeita, contemporizadora e linda, justamente como as heroínas das histórias em quadrinhos. A mulher perfeita.

Você já parou para pensar quanto tempo gasta do seu dia tentando atender alguma dessas expectativas, seja em casa, no trabalho, na escola, na faculdade ou com os amigos? Quanto dinheiro gasta em cosméticos, roupas e maquiagem, não só para se sentir bem e satisfazer seus próprios desejos, mas, para se notar segura o suficiente para responder às expectativas impostas pela sociedade? Você já pediu desculpas por não estar maquiada ou “apresentável” ou porque não teve tempo de fazer as unhas ou depilação?

Não, esse não é um texto sobre lamentações. Também não é uma lista de reivindicações, ainda que eu ache necessário construir uma e, tampouco, é um chamamento para queimar sutia.

O fato é que alguns obstáculos que parecem invisíveis também tem se tornado intransponíveis. No Brasil, por exemplo, as mulheres têm mais anos de estudos que os homens e em tese estariam mais preparadas para assumir determinados postos de emprego.

Mas, o mercado de trabalho insiste em demonstrar que talvez elas não estejam preparadas o suficiente para assumir altos postos de comando ou para simplesmente ganhar o mesmo que os homens quando desempenham a mesma função. Ou até mesmo voltar ao trabalho depois de alguns meses de licença maternidade.

Sem dúvida existem dois pesos e duas medidas. Um homem pode ficar desempregado por um ano e dificilmente dirão que ele está desatualizado. Uma mulher, que goza por quatro meses de licença maternidade, parece não receber a mesma compreensão por parte de empregadores.

As desigualdades estão aí. A discriminação e o racismo, ainda determinam o tamanho e a qualidade do acesso que as mulheres, especialmente as negras, têm diante de determinadas oportunidades, a despeito de todo o avanço conquistado.

É imperativo celebrar todas as conquistas. Podemos circular livremente, votar, trabalhar, casar, separar, ter ou ter não filhos. Temos igualdade perante a lei, conforme determina nossa Constituição. E, dizem por aí, que contamos com uma ajudinha extra: o sexto sentido (para quem acredita).

Mas, não podemos perder de vista que é aconselhável avançar mais e juntas. Que questionar certos padrões pode ser apenas uma conversa consigo mesma à frente do espelho - clássico: *take your time* ou não tenha pressa e desfrute da sua própria companhia.

O mês de março, o mês da mulher, pode ser o momento perfeito para refletir sobre o assunto e, sobretudo, pensar sobre o quanto ainda temos que crescer, enquanto sociedade, para que todas as mulheres possam, de fato, comemorar o 8 de março, o Dia Internacional da Mulher, sem pressão, sem estigma, sem discriminação e sem racismo.

Rachel Quintiliano é jornalista, pós-graduada em comunicação e saúde, consultora na área de comunicação, planejamento e sistematização com foco em saúde, gênero e raça.

RACHEL QUINTILIANO é jornalista, pós-graduada em comunicação e saúde, consultora na área de comunicação, planejamento e sistematização com foco em saúde, gênero e raça.



FIBROMIALGIA: A DOR INVISÍVEL

por LANA MACRIS

UMA DOENÇA NA QUAL NÃO HÁ INFLAMAÇÃO OU DEGENERAÇÃO. EIS A FIBROMIALGIA, CARACTERIZADA POR DOR MUSCULAR GENERALIZADA NO CORPO ACOMPANHADA DE SINTOMAS DE FADIGA E ALTERAÇÕES DE SONO, MEMÓRIA E HUMOR. A DOR É CAUSADA POR UMA AMPLIFICAÇÃO DOS IMPULSOS, COMO SE A PESSOA TIVESSE UM “CONTROLE DE VOLUME” DESREGULADO. ISSO SÓ É VISTO EM EXAMES MUITO ESPECÍFICOS, EM PESQUISAS CIENTÍFICAS. NA PRÁTICA CLÍNICA, NÃO HÁ COMO PROVAR QUE A PESSOA ESTÁ SENTINDO DOR CRÔNICA. A REAÇÃO À DOR SE NOTA NA PRESENÇA DE DEPRESSÃO, AFASTAMENTO SOCIAL, ALTERAÇÃO DO SONO E CANSAÇO.

Os sintomas podem começar após um trauma físico, uma cirurgia, uma infecção ou uma tensão psicológica significativa. Podem se acumular gradualmente ao longo do tempo sem que se consiga determinar os fatos geradores. Pesquisas não conseguiram determinar a causa da doença. Possivelmente existem causas genéticas e transtorno de estresse pós-traumático.

FATORES DE RISCO

Gênero: De 8 a 10 vezes mais frequente em mulheres do que em homens.

História familiar: Maior chance de ocorrer em pacientes que tenham familiares com esse diagnóstico.

Doença reumática: Pacientes com artrite reumatoide ou lúpus eritematoso, podem ser mais propensos a desenvolver a Fibromialgia.

DIAGNÓSTICO

De acordo com a Dra Deise Herrera Righi, reumatologista – profissional mais indicado a realizar diagnóstico da doença - é muito comum que os pacientes passem por vários médicos antes de terem o seu diagnóstico confirmado. Por não existirem testes específicos, o diagnóstico é essencialmente clínico. Os exames laboratoriais e radiológicos são utilizados para avaliar as condições gerais dos pacientes e para afastar outras doenças causadoras de dor.

TRATAMENTO

A ênfase está em minimizar os sintomas e melhorar a saúde geral, afim de aliviar a dor, melhorar a qualidade do sono, manter ou restabelecer o equilíbrio emocional, melhorar o condicionamento físico e a fadiga, além do tratamento específico de desordens associadas.

CURA

A Fibromialgia é uma condição médica crônica, podendo se estender por toda a vida. Embora não exista cura, não é uma doença progressiva. Não é fatal e não causa danos às articulações, aos músculos ou órgãos internos. Em muitas pessoas, melhora com o tempo e há casos nos quais os sintomas retrocedem quase totalmente.

**Flávio Andrade**

HOTELARIA AO ALCANCE DE TODOS

Ingressar no mercado de trabalho é sempre um desafio. Contudo, há profissões nem sempre tão badaladas que abrem um leque de oportunidades àqueles que são ávidos por crescimento e conhecimento. A hotelaria é um bom exemplo. Há um aumento significativo de mulheres em cargo de comando, contudo, o número de mulheres negras é ainda menor que o de brancas ou o de homens negros. Na lista das 500 maiores empresas americanas, a “Fortune 500”, tem apenas uma CEO negra, a presidente da Xerox, Ursula Burns, que assumiu o cargo em 2009. Mas você já pensou em mudar esse quadro?

Ingressei na hotelaria para custear minha faculdade. Queria pagar meus estudos e ajudar nas despesas de casa. Comecei a trabalhar no InterContinental Rio, na área de governança. À noite, estudava Ciências Contábeis. Entrei na área de Contabilidade deste mesmo hotel, como office boy e logo fui promovido a auxiliar. Fiz alguns cursos e treinamentos. Após dois anos, fui selecionado para fazer um curso de hotelaria em Medellín, na Colômbia. De volta ao Brasil, chefeei a área de custos, por três anos. Passei para o setor operacional, como supervisor de bares. Fui gerente da discoteca que ficava dentro do hotel. No setor de alimentos e Bebidas, fui promovido a júnior assistente, a senior assistente e posteriormente transferido para gerente na unidade de Manágua, na Nicarágua.

Trabalhei em hotéis nos Estados Unidos, na República Dominicana, Aruba e em outros países

da América Central. Retornei ao Brasil e assumi um hotel em lançamento, o Holiday Inn Salvador, na capital baiana. Colocamos a unidade no mercado e três anos depois eu vim para o Holiday Inn Parque Anhembi, onde hoje sou gerente geral. Um carioca vivendo e trabalhando com afinco na Zona Norte da capital paulista, onde estou totalmente adaptado. O prazer de passar adiante o meu conhecimento, o simples fato de ensinar, muito contribui para que eu me consolide a cada dia na hotelaria. Tudo o que um gestor faz serve de lição para quem o vê. A forma com a qual eu trabalho as adversidades do negócio, a maneira como cuido das pessoas, como capto as necessidades de inovação, fazem a diferença. Acredito muito em administrar caminhando dentro da operação. Você tem que conhecer o trabalho, entender um pouco de cada área para que o seu colaborador saiba que ele entende do assunto e assim tenha ainda mais respeito. É preciso gostar de trabalhar com pessoas e gostar de servi-las; saber administrar conflitos; saber delegar com constante troca de ideias e estar atento aos detalhes. As pessoas podem ter seu conhecimento teórico, adquirido na faculdade, mas é preciso investir nas áreas básicas da hotelaria, como alimentos e bebidas, recepção, governança e eventos para que possa se formar um grande profissional. O estudante tem que buscar experiências práticas, aprender a respeitar os processos e ansiedades da profissão. E ser feliz!

FLÁVIO ANDRADE, Graduado em Ciências Contábeis, Gestor de Hotelaria

NEGROS

EM MOVIMENTO

A ARTE NOS TRAÇOS

Nascida na Zona Leste de São Paulo, Aline Monteiro, de 34 anos, teve o primeiro contato com movimentos sociais, em um cursinho pré-vestibular comunitário para afrodescentes e carentes. Formou-se em Administração de empresas em 2008 e ingressou no ramo bancário. Paralelamente, fazia oficinas de artes na comunidade e grafites nos muros, manifestando através da arte a busca por direitos de igualdade social.

“Durante essa experiência e inserção na arte das ruas, conheci um jovem chamado Wallacy Bronson, fazíamos grafite juntos em Guaianases, na Zona Leste e compartilhávamos muros e evoluções. Em 2009 iniciei minha trajetória de mulher grafiteira”.

Aline trabalhou no Centro de Defesa a Mulheres Vítimas de Violência, na Cidade Tiradentes. Além de auxiliar na administração e no apoio às usuárias, desenvolvia oficinas de grafite e stencil art, resgastando valores e identidade da

mulher negra. Na mesma fase, entrou no mundo da tatuagem. Enfrentou o preconceito por ser mulher negra e tatuadora e seguiu. Era administradora no meio corporativo e tatuadora aos finais de semana.

Ao ser surpreendida com um nódulo na mama, há três anos, Aline passou por uma cirurgia, e após a recuperação, dedicou-se ao que realmente alimentava sua alma: a arte de tatuar!

“Decidi colocar toda minha energia no que amava fazer, a tatuagem de traços finos. Em tudo o que faço, coloco amor e tenho procurado me especializar em pele negra. Cansei de ouvir “Tatuador não gosta de tatuar pele negra”, “pele negra é ruim de tatuar”.

Tenho muitas clientes negras, que se surpreendem quando digo que elas também podem! Pele negra é linda e tatuada fica incrível!”.



FOTOS: DIVULGAÇÃO



Empreender, sempre

No ano passado durante os últimos três meses, a Rede Brasil Afroempreendedor (Reafro) e o Grupo Mulheres do Brasil uniram-se para apoiar o projeto piloto “Afromentoring” que contou com 27 mulheres negras. Ao longo de 90 dias elas tiveram preparação e orientação com mentorias nas áreas de gestão, finanças, marketing, RH, jurídico, vendas, tecnologia e precificação.

COR E AFETO NA DECORAÇÃO AFRO

São apenas 10 meses de existência e muita história para contar. Monique Santos, bacharel em Artes Visuais pela UERJ, fotógrafa formada pela Escola de Fotógrafos Populares Imagens do Povo começou a empreender em 2018, descobriu no Encontro Preto, realizado todo o primeiro sábado do mês, no Rio de Janeiro, o interesse por comercializar itens de decoração.

“Sempre amei vestuário com tecido africano e consumia há anos antes de criar a minha marca, Ayo. Quando entendi que, a partir da cortina que eu fiz com tecido africano que sobrou da decoração do meu casamento eu podia criar um negócio, mergulhei numa pesquisa para tentar identificar uma marca que fizesse o que eu queria fazer aqui no Brasil”, conta.

Monique tem referências em marcas de decoração realizadas por mulheres na África do Sul, Paris e Londres. O custo de importação dos tecidos, vindos do Benin e da França, o alto valor das matérias primas para a confecção das peças – que inflacionam com a desvalorização do dólar - a falta de projetos que apoiem os pequenos empreendedores financeiramente e projetos que auxiliem na gestão e no desenvolvimento da micro empresa, são barreiras no caminho de Monique. Mas não tiram seu brilho e competência.

As vendas são em sua maioria online, através das redes sociais e do site da marca www.ayomodacasa.com.br



FOTOS: MANU RUIFI

Afim de potencializar não apenas a força da mulher negra como empreendedora, mas dar suporte para que as afroempreendedoras possam aprimorar e desenvolver os seus negócios, a partir do crescimento pessoal e profissional das mesmas, bem como qualificação dos seus empreendimentos, auxiliando assim a desenvolver a base da pirâmide de negócios, o projeto teve grande êxito.

A metodologia do programa contou com encontros presenciais entre mentoras e mentoradas com foco em desenvolvimento pessoal e de negócios, rodas de conversa, oficinas e uma noite

de cerimônia de encerramento, Black Night, que foi dedicada à apresentação do pitch de negócios e celebração.

Criada em 2015, a Rede Brasil Afroempreendedor estabelece relações de fortalecimento entre afro empreendedores de diferentes áreas de atuação no país, nos mercados interno e externo.

Criado em 2013, o grupo Mulheres do Brasil discute temas ligados ao país, com representantes de vários segmentos que têm em comum o propósito de serem protagonistas na construção de um país melhor.



EXPOENTES EM FESTA

Olodum e Ilê exaltam a baianidade em grande estilo

por FLAVIA CIRINO

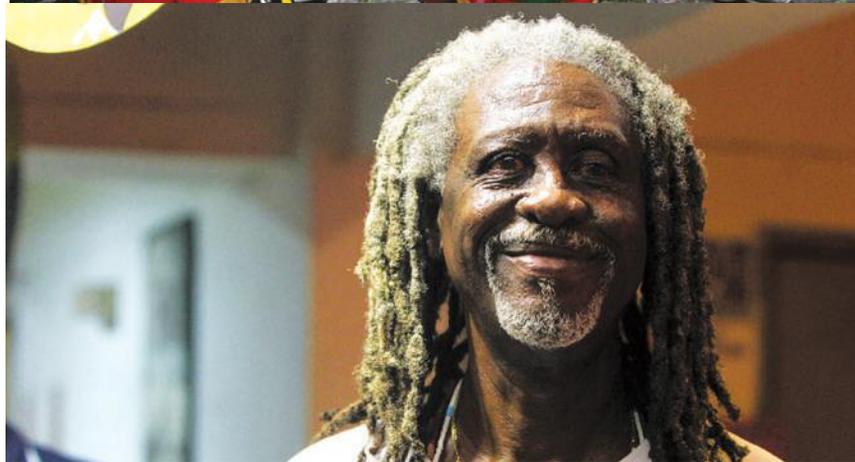
NÃO HÁ COMO SE REFERIR À BAHIA SEM FALAR NOS DOIS PRINCIPAIS BLOCOS DO ESTADO. E ESTE ANO, O AFRO DO PELÔ, O OLODUM, FESTEJARÁ QUATRO DÉCADAS DE EXISTÊNCIA, SEGUINDO A TRILHA DE SUCESSO DO ILÊ AYIÊ, NO AUGUE DOS 45 ANOS DE RESISTÊNCIA.

Nascido em 25 de abril de 1979, o Olodum foi a alternativa que a comunidade que morava no antigo Maciel, Centro Histórico de Salvador, encontrou para brincar o Carnaval. Os grandes blocos da capital exigiam comprovante de residência e a localidade era vista como área de banditismo, o que impedia a participação de quem ali vivia, mesmo sendo servidores públicos, funcionários do Pólo Petroquímico e outros tantos que tinham condição financeira, mas sem nenhum prestígio social.

O Ilê Aiyê, que havia sido criado quatro anos antes, fazia sucesso e influenciou diretamente o surgimento do Olodum. Os desfiles se mantiveram até 1983, quando o bloco não saiu por falta de recursos. No ano seguinte, as atividades foram retomadas, destacando a participação de integrantes que militavam nos movimentos estudantil, sindical e negro. O bloco ressurgia com uma proposta de luta pelo social e contra o racismo, recebendo o nome de Grupo Cultural Olodum.

Uma das primeiras mudanças foi a criação do Projeto Rufar dos Tambores, que mais tarde se tornaria a Escola do Olodum. Discussões sobre o movimento histórico da Revolta dos Búzios (também conhecida como Conjuração Baiana, denominada de Revolta dos Alfaiates) passaram a figurar na pauta.

Por outro lado, os tambores da percussão do Ilê Aiyê seguiam tocando no ritmo do Carnaval. O bloco afro mais antigo de Salvador sempre mostrou sua força. Criado em 1974, por moradores do Curuzu, entre eles Antônio Carlos dos Santos, conhecido como Vovô, o bloco tem como principal preocupação resgatar e divulgar a cultura negra e lutar pelo combate ao preconceito. Vovô é responsável pelo Projeto de Extensão Pedagógica e pela Escola Profissionalizante do Ilê, que desenvolve ações comunitárias e pedagógicas no bairro da Liberdade, onde está a maior parte da população negra de Salvador.



Inspirado em movimentos mundiais como o Black Power, o Ilê ainda mantém a política de só permitir associados negros e negras. Porém, o bloco criado com o objetivo de valorizar a negritude alcança todos os tipos de admiradores. E foi com essa persistência que o Ilê passou a influenciar gerações, conquistando o mundo.

ONDE ENCONTRAR

Aqui estão os endereços de lojas, escritórios e profissionais citados nesta edição

ESTILO

STREET STYLE

MAIS COLORIDO DO QUE NUNCA: O NEON CHEGOU E DOMINOU!

A tendência das cores neon voltou desta vez com um toque mais sofisticado e atualizado. Ela ganha um toque mais sofisticado e atualizado. Ela ganha um toque mais sofisticado e atualizado. Ela ganha um toque mais sofisticado e atualizado.

Em sua versão mais sofisticada, o neon voltou desta vez com um toque mais sofisticado e atualizado. Ela ganha um toque mais sofisticado e atualizado. Ela ganha um toque mais sofisticado e atualizado.

SAÚDE

FIBROMIALGIA: A DOR INVISÍVEL

Até hoje, muitas pessoas acreditam que a fibromialgia é apenas uma dor comum. Na verdade, é uma condição crônica que afeta milhões de pessoas em todo o mundo.

INDICADORES

Os sintomas da fibromialgia incluem dor crônica em todo o corpo, fadiga, problemas de sono e alterações de humor.

TRATAMENTO

O tratamento da fibromialgia envolve uma abordagem multidisciplinar, incluindo medicamentos, fisioterapia e terapia cognitivo-comportamental.

EDITORIAL MODA MAX FAMA

- páginas 18 a 21
- Coletivo de dois** - facebook.com/ocoletivodedois @coletivodedois
- Loja: Galeria Ouro Fino - Rua Augusta, 2690, loja 210, SP
- Stance Socker** - contato@stancesocks.com.br
- Tel.: (11) 2768-9074
- Forever 21** - www.forever21.com/us/shop
- Atelier Chilaze** - @atelierchilaze - Tel: (21) 98458-9263
- Plastico bolha Store** - @plasticbolhastore

SAÚDE

• página 56

Dra. Deise Herrera Righi - Reumatologista CRM 24.426

Rua Américo Salvador Novelli, 154, 4º andar Cj. 403, Itaquera /São Paulo-SP - Tel.: (11) 2286-1964

SERVIÇOS

SOMBRAS PARA NOITE E DIA

Para quem gosta de um toque mais sofisticado e atualizado, a linha de sombras para noite e dia oferece opções para todos os gostos.

TRÊS EM UM

Uma tendência que combina três produtos em um único pacote, facilitando a rotina de beleza.

HIDRATAÇÃO BRILHO INTENSO E MACIEZ

Para quem busca hidratação e brilho, esta linha oferece produtos que nutrem e hidratam a pele.

PÓS-VERÃO

Para quem busca proteção solar e hidratação, esta linha oferece produtos que protegem a pele do sol.

OPÇÕES DEMOCRÁTICAS PARA PELE NEGRA

Para quem busca opções mais acessíveis e adequadas para a pele negra, esta linha oferece produtos que atendem a essa necessidade.

NEGROS EM MOVIMENTO

A ARTE NOS TRAÇOS

Uma iniciativa que promove a arte e a cultura negra, oferecendo um espaço para artistas negros se expressarem.

COR E AFETO NA DECORAÇÃO AFRO

Uma iniciativa que promove a decoração afro, oferecendo produtos e serviços que celebram a cultura negra.

Empreender, sempre

Uma iniciativa que promove o empreendedorismo negro, oferecendo suporte e recursos para negócios liderados por negros.

SERVIÇOS

- páginas 24 e 25
- Sephora Brasil** - facebook.com/sephorabrasil instagram.com/sephorabrasil - @sephorabrasil
- Inoar** - www.inoar.com
- facebook.com/inoarbrasil - @InoarBrasil
- SAC: +55 11 4135.4555
- Yama** - www.yama.com.br

NEGROS EM MOVIMENTO

• páginas 58 e 59

Aline Monteiro - Studio Clube Rua Rua Monte Serrat 639, Tatuapé - São Paulo Aberto de terça a sábado, horário comercial. Facebook/AlineMonteiroTattoo - @alinemonteirtattoo Orçamentos: Tel.: (11) 96368-3161



Abaixo: Família de Marielle Franco, Flavia Cirino (editora-chefe da RAÇA), Lúcia Siqueira, Vanessa Lemos e Maurício Soares (Beleza X Coiffeur), Isaac Neves (figurinista) e Guilherme Silva (fotógrafo)



CAPA:
Anielle Franco e Luyara Franco (sentadas)
Marizete e Antônio (em pé)

FOTO: Guilherme Silva

CRIAÇÃO E ARTE: Agência Única

REVISTA
RAÇA

RAÇA é uma publicação da **Pestana Arte & Publicações**. A publicação não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados ou por qualquer conteúdo publicitário e comercial, sendo esse último de inteira responsabilidade dos anunciantes.

www.revistaraca.com.br
www.facebook.com/revistaraca
Ano XXII – Edição 206



PESTANA ARTE & PUBLICAÇÕES
Rua Serra de Bragança, nº 66B
Vila Gomes Cardim, São Paulo - SP
CEP: 03318-000 - Tel. (+55 11) 3476-1993

DIRETOR: Maurício Pestana

EDITORA ASSISTENTE: Hamalli Alcântara

REDAÇÃO

EDITORA-CHEFE: Flavia Cirino
DIRETOR DE ARTE: Paulo Alexandre
REPRESENTANTE COMERCIAL: Delza Santos (RJ, SP, MG e ES)
DIRETORA DE MARKETING: Carla Dohler
MÍDIAS SOCIAIS: Hamalli Alcântara
REVISOR: Afonso Leite e Lana Macris
COLABORADORES: Angélica Zago, Augusto Baptista, Dione Rio, Emanuele Sanuto e Fernando Ferraz
CONSELHO EDITORIAL: Amarildo Nogueira, Carlos Machado, Carol Barreto, Dilza Muramoto, Édio Jr, Fábio Garcia, Fábio Pereira, Fátima França, Flávio Andrade, Francilene Martins, Jane Costa, Katleen Conceição, Mônica Faria, Olívia Santana, Petronilha Gon, Rachel Maia, Théo Van Der Loo e Uenia Baumgartner

PARA ANUNCIAR
anunciar@revistaraca.com.br

SUGESTÃO DE PAUTA
Sugestões, dúvidas e informações, escreva para: redacao@revistaraca.com.br ou com a editora-chefe: flavia.editora@revistaraca.com.br

IMPRESSÃO
FCJN Gráfica e Editora - Tiragem 20.000

Nota da redação: Algumas imagens desta edição, foram pesquisadas na internet. Não encontramos as fontes, que poderão ser creditadas na próxima edição.

LOJA RAÇA
Confira as ofertas e produtos da **Raça** no site: www.revistaraca.com.br

A NOVA CLASSE MÉDIA NEGRA

EU QUERIA FALAR
COM O DONO DA
CASA!

PODE
FALAR!

SEI QUE ELE DEVE
CONFIAR MUITO EM
VOCÊ, MAS GOSTARIA
DE FALAR COM ELE
PESSOALMENTE.

Estano.

Hora de *Relaxar*



Aproveite por mais tempo os momentos que importam.
Late Check-out por apenas R\$120,00 + 5%.

Reserve conosco e desfrute dos benefícios IHG Rewards Club
www.holidayanhembicom.br

R. Professor Milton Rodrigues, 100
São Paulo/SP | T. 11 2107-8844
reservas.saocc@ihg.com

  [HolidayInnAnhembicom](#)

Holiday Inn

UM HOTEL IHG®

PARQUE ANHEMBI





Se é Bayer, é bom

O nosso DNA é composto de diversidade

Respeito ao ser humano e à diversidade são importantes valores para a Bayer, presente no Brasil desde 1896.

Diversidade de raças e culturas, diversidade de ideias e credos, diversidade em todas as nossas marcas. Acreditamos que a diversidade enriquece a sociedade e agrega valor à nossa empresa, colaboradores, clientes e parceiros.
Se é Bayer, é bom.



INCLUSÃO E DIVERSIDADE
Respeito que faz a diferença

Aline Alves Felix

Psicóloga
Especialista em RH

A Bayer promove ciência para uma vida melhor com soluções para cuidar da sua saúde.

Bepantol® Derma

Bepantol® Baby



REDOXON® 1G (ÁCIDO ASCÓRBICO) INDICADO COMO SUPLEMENTO VITAMÍNICO AUXILIAR DO SISTEMA IMUNOLÓGICO. REG. MS. 1.7056.0016. **PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.** NÃO USE ESTE MEDICAMENTO EM CASO DE DOENÇA GRAVE DOS RINS. **REDOXON® ZINCO (ÁCIDO ASCÓRBICO + ZINCO)** INDICADO COMO SUPLEMENTO VITAMÍNICO E MINERAL AUXILIAR DO SISTEMA IMUNOLÓGICO. REG. MS. 1.7056.0012. **SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.** NÃO USE ESTE MEDICAMENTO EM CASO DE DOENÇA GRAVE DOS RINS. **REDOXON® GOTAS - ÁCIDO ASCÓRBICO -** REG. MS. 1.7056.0016. INDICADO COMO SUPLEMENTO VITAMÍNICO AUXILIAR DO SISTEMA IMUNOLÓGICO. **SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.** NÃO USE ESTE MEDICAMENTO EM CASO DE DOENÇA GRAVE DOS RINS. **FLANAX®** : (NAPROXENO SÓDICO). INDICAÇÕES: DORES AGUDAS CAUSADAS POR INFLAMAÇÃO : DOR E FEBRE EM ADULTOS; DORES MUSCULARES E ARTICULARES; DOR APÓS TRAUMAS: ENTORSES, DISTENSÕES, CONTUSÕES, LESÕES LEVES, DECORRENTES DE PRÁTICA ESPORTIVA. REG. MS. 1.7056.0047. **SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.** NÃO USE ESTE MEDICAMENTO EM CASOS DE ÚLCERA, GASTRITE, DOENÇA DOS RINS OU SE VOCÊ JÁ TEVE REAÇÃO ALÉRGICA A ANTI-INFLAMATÓRIOS. **ASPIRINA® (ÁCIDO ACETILSALICÍLICO)**. INDICAÇÕES: ALÍVIO SINTOMÁTICO DE DORES DE INTENSIDADE LEVE A MODERADA, COMO DOR DE CABEÇA, DOR DE DENTE, DOR DE GARGANTA, DOR MENSTRUAL, DOR MUSCULAR, DOR NAS ARTICULAÇÕES, DOR NAS COSTAS, DOR DA ARTRITE, ALÍVIO SINTOMÁTICO DA DOR E DA FEBRE NOS RESFRIADOS OU GRIPE. REG. MS-1.7056.0020. **SE PERSISTIREM OS SINTOMAS O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.** NÃO USE ESTE MEDICAMENTO EM CASO DE GRAVIDEZ, GASTRITE OU ÚLCERA DO ESTÔMAGO E SUSPEITA DE DENGUE OU CATAPORA. **GINO-CANESTEN® 1 COMPRIMIDO VAGINAL (CLOTRIMAZOL) / GINO-CANESTEN® CREME VAGINAL (CLOTRIMAZOL 1%) / GINO-CANESTEN® 3 CREME VAGINAL (CLOTRIMAZOL 2%)** REG. MS - 1.7056.0102. INDICAÇÕES. **GINO-CANESTEN® COMPRIMIDO VAGINAL** É INDICADO PARA O TRATAMENTO LOCAL DE VAGINITE, INFECÇÃO CAUSADA POR FUNGOS, GERALMENTE DO GÊNERO *CANDIDA*. **GINO-CANESTEN® CREME VAGINAL**; É INDICADO PARA O TRATAMENTO LOCAL DE VAGINITE, INFECÇÃO CAUSADA POR FUNGOS, GERALMENTE DO GÊNERO *CANDIDA*, NA ÁREA GENITAL. TAMBÉM É INDICADO PARA O TRATAMENTO LOCAL INFECÇÃO NA ÁREA GENITAL EXTERNA DA MULHER E EM ÁREAS PRÓXIMAS, E TAMBÉM DE BALANITE, INFECÇÃO NO PÊNIS (GLANDE E PREPÚCIO) DO PARCEIRO SEXUAL. **GINO-CANESTEN® É UM MEDICAMENTO. SEU USO PODE TRAZER RISCOS. PROCURE O MÉDICO E O FARMACÊUTICO. LEIA A BULA. SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, UM MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.**

SAC 0800 7231010
sac@bayer.com
Respeito por você

L.BR.MKT.11.2017.8959

house BAYER

www.bayer.com.br